

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

MARIA CECILIA PAIM GAELZER

**O USO DA INTERAÇÃO COMO METODOLOGIA DE ENSINO DE LÍNGUA:
UMA EXPERIÊNCIA EM PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL.**

PORTO ALEGRE

2018

MARIA CECILIA PAIM GAELZER

**O USO DA INTERAÇÃO COMO METODOLOGIA DE ENSINO DE LÍNGUA:
UMA EXPERIÊNCIA EM PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do grau
de Licenciada em Letras pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Arcanjo Pedro
Briggmann

PORTO ALEGRE

2018

MARIA CECILIA PAIM GAELZER

**O USO DA INTERAÇÃO COMO METODOLOGIA DE ENSINO DE LÍNGUA:
UMA EXPERIÊNCIA EM PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL.**

Este trabalho de conclusão de curso foi analisado e julgado adequado para a obtenção do grau de Licenciada em Letras e aprovado em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora designada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Arcanjo Pedro Briggmann
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ingrid Nancy Sturm

Profa. Me. Kétina Állen da Silva Timboni

AGRADECIMENTOS

Agradeço à UFRGS, enquanto instituição pública de ensino superior, pela formação de qualidade que oferece, especialmente aos professores do Instituto de Letras, que me transmitiram o conhecimento sobre língua portuguesa, literatura e ensino. Meus professores foram essenciais na minha formação de professora.

Agradeço ao meu orientador Arcanjo Pedro Briggmann por todo os ensinamentos neste ano de 2018 e pela paciência e atenção que teve comigo na concepção e na feitura deste TCC. Toda a troca de conhecimento que tivemos levarei para meus futuros anos como docente. Obrigada por toda a sabedoria compartilhada comigo!

Eu agradeço especialmente à minha família. Aos meus pais, Ana e Egon, por sempre me incentivarem a estudar e por me apoiarem nessa jornada na UFRGS. Obrigada por me inspirarem a ser uma leitora! Cresci rodeada de livro e vendo-os ler e isso só me influenciou positivamente nas escolhas que fiz até esse momento! Obrigada à minha irmã, Maria Clara, por ser minha melhor amiga e sempre me fazer acreditar que eu conseguiria chegar até aqui! Muito obrigada aos três por acreditarem em mim!

Obrigada ao Greg pelos dois anos e meio que tivemos de amor e carinho juntos aqui no mesmo plano. Obrigada por tudo que me ensinou! Te amo eternamente.

Ao Lucas Copetti, meu querido companheiro, por estar ao meu lado no meu último ano de graduação, sempre me acalmando e me apoiando com palavras de calma e força. Obrigada por estar comigo nos momentos bons e ruins dessa jornada e por deixar a vida mais feliz e leve!

Aos meus amigos queridos que entraram na minha vida antes e durante meu curso. À minha amiga irmã Viviane por sempre acreditar em mim e sempre me falar o quanto eu era capaz de atingir meus objetivos. Minhas queridas Yohanna, Franciele e Isadora, obrigada por me ouvirem e me ajudarem em qualquer momento que fosse, obrigada pelas risadas e por toda a diversão que sempre temos juntas! Ao meu amigo Jonathan pelas trocas que tivemos nesse nosso final de curso e por toda ajuda moral! E à minha colega e amiga Priscilla Pereira Nunes pela parceria que tivemos durante o nosso Estágio de Docência em Língua Portuguesa, nas correrias para estruturar as nossas aulas e pelas risadas que demos juntas, obrigada!

Obrigada aos professores que conheci durante o meu curso. Professora Regina Zilberman, por me ensinar muito sobre literatura e me mostrar como ela pode ser aplicada em

sala de aula. Obrigada professora Gabriela Bulla e ao Programa de Português para Estrangeiros por me apoiar neste último ano de licenciatura. Obrigada à Kétina Timboni por me ensinar tanto sobre a área de PLA.

E agradeço aos meus queridos alunos venezuelanos que confiaram e acreditaram no meu potencial como professora. Vocês me ensinaram e me ajudaram na minha formação e constituição como docente. Admiro vocês todos pela força que têm, vocês são muito especiais.

RESUMO

Com o aumento de pedidos de refúgio nos últimos anos no Brasil, milhares pessoas de outros países estão vindo para cá procurando uma forma de melhorar suas condições de vida. Para poderem se inserir no mercado de trabalho, elas querem e precisam aprender a língua portuguesa. Este Trabalho de Conclusão de Curso trata sobre como foi a experiência em um estágio de docência em Português como Língua Adicional para uma turma de venezuelanos refugiados aqui no Brasil, pelo meio da interação em uma Oficina de Currículo Impresso e Currículo em Vídeo. Discorro sobre a importância da metodologia de interação na sala de aula para o ensino e aprendizagem de uma língua adicional, usando algumas definições de língua, sujeito e interação previamente pensadas por Bakhtin, Benveniste e Geraldi, que me apoiam com suas teorias. Analiso uma série de materiais mostrando como ocorreu o seu uso durante as aulas e os momentos em que conseguimos utilizar a metodologia escolhida, usando esses materiais como base. Avalio se o uso deles e da interação foram efetivos na aprendizagem desses alunos e, se não foram efetivos, qual o modo como eles podem ser melhorados.

Palavras-chave: Língua; Interação; Português como Língua Adicional.

ABSTRACT

With the increase of asylum request in Brazil on the last few years, millions of people from different countries are coming to ours seeking for a manner to have better life conditions. In order for them to entering the job market, they want and need, to learn Portuguese. This final work focus on how the experience of a Portuguese teaching internship as an Additional Language for a group of Venezuelans refugees was, through the interaction of a Printed Curriculum and Video Curriculum workshop. I expatiate on the importance of the interaction in a classroom to the teaching and learning of an additional language methodology, using some language definitions, subject and previously thought interaction made by Bakhtin, Benveniste and Geraldi that support me with their theories. I analyze a series of materials showing how was its usage during classes and also the moments that we were able to use the chosen methodology, using these materials as basis. I also assess if its utilization and interaction were effective on students learning, and if not effective, in which way they can be improved.

Keywords: Language; Interaction; Portuguese as an Additional Language.

Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor

(BAKHTIN, 1995, p.8).

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Guia de Apresentação dos Alunos	35
Quadro 2 Esquematização da aula 1	37
Quadro 3: Exemplo de uma tabela de Bingo	38
Quadro 4: Imagens do Jogo da Memória	39
Quadro 5: Palavras do Jogo da Memória	40
Quadro 6: Esquematização da aula 2	42
Quadro 7: Exemplos de diálogo formal e informal	43
Quadro 8: Esquematização da aula 3	45
Quadro 9: Texto "Erros que Comprometem o seu Currículo"	47
Quadro 10: Tabela de avaliação dos currículos	49
Quadro 11: Exemplo de currículo escrito por um dos alunos	52
Quadro 12: Tabela de informações pessoais	56
Quadro 13: Tabela com informações extralinguísticas inspirada em Neves e Schneuwly e Dolz	57
Quadro 14: Esquematização da aula 5	59
Quadro 15: Contraste entre Presente e Pretérito Perfeito	61
Quadro 16: Exercícios de Fixação de Presente e Pretérito Perfeito	62
Quadro 17: Esquematização da aula 6	64

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 GENEALOGIA DO PRESENTE TRABALHO.....	14
2.1 A HISTÓRIA	14
2.2 COM QUAL METODOLOGIA TRABALHAMOS	19
3 CRONOLOGIA DESTE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	26
3.1 QUESTÕES DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	26
3.2 CONTEXTO DA APLICAÇÃO DO TRABALHO.....	27
3.3 OBJETIVO COM O RELATO DESTE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	29
4 DA TEORIA À PEDAGOGIA	30
5 ANÁLISE DOS MATERIAIS	34
5.1 APRESENTAÇÃO	34
5.2 JOGOS	37
5.3 DIÁLOGO FORMAL X DIÁLOGO INFORMAL.....	42
5.4 ANÁLISE DE CURRÍCULOS	46
5.5 FIXAÇÃO DA GRAMÁTICA	60
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
7 BIBLIOGRAFIA	67
8 ANEXOS	70
8.1 ANEXO 1: CURRÍCULOS QUE FORAM AVALIADOS PELOS ALUNOS	70
8.2 ANEXO 2: ESQUEMATIZAÇÕES DAS AULAS	78

1 INTRODUÇÃO

Nesses últimos anos, o número de refugiados que procuram o Brasil como um país de acolhimento vem aumentando muito. Pessoas de países como Haiti, Senegal, Angola, Síria e Venezuela vêm buscando refúgio em nosso país, sendo que este último teve mais de dezessete mil pedidos de refúgio só no ano de 2017. E em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, quase toda a semana chega um pequeno contingente de Venezuelanos refugiados.

Eles entram no Brasil para reconstituir suas vidas, morarem aqui e tentarem trabalhar. Apesar de falarem espanhol, uma língua irmã¹ da portuguesa e por isso a intercompreensão acontecer entre um brasileiro e um venezuelano, precisam estudar português e ainda enfrentarem alguns preconceitos pela barreira linguística, como não conseguirem emprego por não falarem português. Para superar essa barreira procuram cursos de português para estrangeiros visando aprimorar sua pronúncia, compreensão e escrita no português.

Além da questão da língua, eles passam por outras necessidades. Vêm para o Brasil quase sem dinheiro, sem conhecer o país e precisam se realocar aqui. Recebem ajuda de grupos solidários formados por venezuelanos que já estão aqui há mais tempo e por brasileiros que querem ajudar. Por causa dessa demanda o número de cursos de português para estrangeiro nas universidades públicas também vêm crescendo. Um exemplo é o Programa de Português para Estrangeiros (PPE)² da UFRGS, que disponibiliza os mais variados cursos para estrangeiros que moram no Brasil, incluindo os refugiados. Esses cursos não são gratuitos, mas, com o Estágio de Docência em Português como Língua Adicional, estão sendo disponibilizados cursos gratuitos para estrangeiros que vivam no Brasil, sejam eles refugiados ou não.

Durante o primeiro semestre de 2018, eu e uma colega (Priscilla Pereira Nunes), através da cadeira de Estágio em Docência de Português II, ministrada pelo professor Arcanjo Pedro Briggmann (orientador deste trabalho), desenvolvemos uma Oficina de Currículo para um grupo de Venezuelanos refugiados no Brasil, com o intuito de ajudá-los a se recolocarem no mercado de trabalho brasileiro ou trabalharem em suas áreas de formação.

¹ Língua irmãs são línguas que têm a mesma raiz.

² Fundado em dezembro de 1993 pela Profa. Dra. Margarete Schlatter, o **Programa de Português para Estrangeiros** (PPE) é um programa de extensão que promove cursos de português para falantes de outras línguas, cursos de formação de professores, desenvolve pesquisa e material didático na área e promove intercâmbios com instituições de ensino nacionais e internacionais (<http://www.ufrgs.br/ppe/o-programa>).

Depois de vivenciar essa experiência nesse estágio, o que há algum tempo apenas se insinuava em mim como uma inquietação, passou a ocupar espaço na minha vida. O que era algo abstrato assumiu a concretude do dia-a-dia e começou a amadurecer a necessidade e a vontade de dar mais atenção para essa prática. Achei que seria injusto ao nosso trabalho como professoras e ao dos alunos deixar essa vivência sem registro e sem memória.

Assim, resolvi escrever este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para organizar e deixar registrada essa experiência. Nele analiso a metodologia que aplicamos nessa Oficina de Currículo, apresentando a cronologia de como aconteceu, o porquê escolhemos esse assunto para trabalhar, a estruturação dos materiais e o que deu certo ou o que poderia melhorar no nosso trabalho.

O registro final obedeceu à estrutura seguida por um Trabalho de Conclusão de Curso. Na seção dois, começo mostrando a *Genealogia do Trabalho*, fazendo uma linha do tempo de como foi chegar até esse estágio e o porquê do meu interesse em trabalhar com alunos de Português como Língua Adicional (PLA) e de como surgiu a ideia minha e da Priscilla para estruturarmos o material que aplicamos durante os encontros na Oficina. Depois, ainda na seção dois, falo de como foi trabalhar a metodologia de interação que escolhemos, como e por que escolhemos essa metodologia para trabalhar e o que impulsionou a nossa vontade de trabalhar deste modo.

Na seção seguinte (três), discorro sobre a *Cronologia deste Trabalho de Conclusão de Curso*. Relato quais são as razões de eu querer transformar esse estágio em um trabalho acadêmico, mais especificamente meu trabalho final no curso de Licenciatura em Letras. Então informo o contexto no qual o nosso estágio foi executado: data, horários, situação dos alunos, número de encontros e outras especificações para quem estiver lendo, entender em qual situação foi estruturada a Oficina. Finalizando a seção três, falo sobre os objetivos que tenho e pretendo alcançar, escrevendo e registrando essa experiência de estágio.

Na seção seguinte, *Da Teoria à Pedagogia*, mostro minha opção pelas concepções interacionais da linguagem e quais são os teóricos de língua e linguagem que as defendem como uma ferramenta de uso, como um modo de interação, que me apoiaram durante esse trabalho. E o porquê, partindo da metodologia que usamos para elaborarmos os materiais da Oficina, busquei essas ideias para conseguir explicar e expor todas os elementos do meu TCC.

Na seção cinco, *Análise dos Materiais*, exponho alguns materiais que montamos e usamos nas aulas, apontando como foi a execução deles, por que usamos esse material seguindo a nossa metodologia, quais eram os nossos objetivos com aquele determinado exercício em

questão, se funcionou ou não, e, se não funcionou, o que poderia ser mudado em relação a eles que faria melhorar a compreensão e a aprendizagem dos alunos.

2 GENEALOGIA DO PRESENTE TRABALHO

2.1 A HISTÓRIA

Como estudante de licenciatura, acredito que a prática em sala de aula é imprescindível à formação docente, não só nos últimos momentos do curso, mas em todos os estágios da nossa graduação, seja observando ou atuando com monitoria ou até mesmo como docente.

Quando entrei no Curso de Letras da UFRGS, em 2012, ainda não me via como professora. Admito que demorei um tempo para me ver e me entender como uma profissional da Letras e como docente, mas, durante o curso, com as experiências que tive fora e em uma sala de aula, me tornei professora.

A licenciatura em Letras da UFRGS na ênfase de língua portuguesa é mais voltada à formação de professores de português como língua materna. Quando temos esse cenário, não precisamos ensinar os alunos a falarem, mas sim as regras que subjazem à fala e à escrita. Nossos alunos, que têm o português como língua mãe, já são alfabetizados em português em sua fala; o nosso papel como professores em português é ensinar esses alunos a passarem para o papel as combinações de fonemas, transformando-os em palavras e então em frases estruturadas.

Já no português como língua adicional, precisamos ensinar a fala e a escrita para alunos que não têm o português como sua língua materna. Precisamos começar praticamente da base da língua, para então fluirmos para outros aspectos dela.

Por esses motivos, demorei para entender que a língua portuguesa, em determinadas situações, é uma língua adicional e não uma língua materna. Só fui perceber isso, quando entrei em um estágio não obrigatório, em uma escola de português para estrangeiros aqui em Porto Alegre. Foi o primeiro contato que tive com essa experiência em sala de aula.

Foi um pouco difícil no começo, pois as metodologias de ensino são diferentes, mas estudei modos de ensinar o PLA e, então, me vi realizada na profissão. A área de PLA³ é desafiadora, mas muito gratificante. Desafiadora por questões técnicas de ensino. Como não

³ Para uma leitura mais clara, sinalizo aqui alguns termos e siglas que serão utilizadas ao longo do texto, tais como: LE – língua estrangeira; PE-LE – português como língua estrangeira; LM – língua materna; LA – língua adicional; PLA – português como língua adicional; L1 – língua um (língua materna); L2 – língua dois (segunda língua aprendida); L3 – língua três (terceira língua aprendida).

aprendi na faculdade sobre didática em PLA, me situei com um pouco mais de dificuldade nesse caminho. Mas é gratificante, pois a diferença de línguas é uma barreira muito grande entre as pessoas e com esse trabalho eu conseguia ajudar pessoas a se socializarem mais facilmente com as pessoas e a cultura do país que estavam vivendo naquele momento.

Por todas estas questões citadas anteriormente, reconheci uma sala de PLA como um lugar feliz para mim. Adoro ser professora e não me importo qual o tipo de aula que dou: seja PLA, português como língua materna, literatura, inglês, me sinto feliz em uma sala de aula. Mas sem dúvida a prática de PLA é a que me deixa mais feliz em seguir com essa profissão.

No primeiro semestre do ano de 2018, cursei a cadeira de Estágio de Docência em Língua Portuguesa II⁴. Nessa disciplina fazemos a nossa segunda prática docente em português no curso de Licenciatura em Letras e tivemos dois meses de encontro presencial e, então, estávamos liberados para começarmos a nossa prática docente.

Foi então que conheci a Priscilla, que já trabalhava com o PPE da UFRGS e, como nós duas tínhamos esse interesse em trabalhar com PLA, resolvemos que nosso estágio seria nessa área. É importante salientar que, até aquele momento, não tínhamos uma prática voltada em PLA no nosso currículo, pois foi só a partir do segundo semestre de 2018 que foi instituído na UFRGS o Estágio de Docência em PLA para alunos da licenciatura que cursam o currículo simples.

Para conseguirmos então uma turma para a prática desse estágio, entramos em contato com o PPE da UFRGS, pois eles teriam turmas já disponíveis ou montariam uma turma para nós. Conversamos então com a professora Kétina Timbone, na época mestranda na área de PLA e professora do PPE, e ela nos apresentou o Gustavo, que é a pessoa que encabeça esse movimento de ajuda aos venezuelanos que estão refugiados em Porto Alegre. E ele nos ajudou a montar uma turma para começarmos as nossas aulas.

A primeira coisa que a gente precisou pensar sobre essas aulas foi de que estaríamos montando um projeto de ensino de português como uma língua estrangeira. E que apesar de nos interessarmos muito pela área e termos uma pequena experiência com PLA, precisaríamos de auxílio de pessoas que trabalhassem no PPE, soubessem mais sobre elaboração de materiais e de dar essas aulas.

⁴ Originalmente esse estágio é feito com alunos em nível médio nas escolas, mas o professor Arcanjo Pedro Briggmann, que ministra essa cadeira, nos dá a chance de trabalharmos com o ensino de PLA no PPE (Programa de Português para Estrangeiros) da UFRGS.

Mesmo existindo uma demanda crescente de procura do português como língua dois (L2) crescendo muito nos últimos anos, eu ainda não tinha total noção de como seriam as aulas. Atualmente a língua portuguesa é a quarta língua europeia mais falada no mundo, e a sexta entre todas as línguas faladas no mundo. A procura do aprendizado de língua portuguesa como língua adicional (segunda, terceira língua) está crescendo significativamente, seja com pessoas que vêm para o Brasil para estudar, trabalhar e aprendem a língua aqui, seja com pessoas aprendendo português no seu próprio país, por outros motivos.

Precisa-se sinalizar também que a língua portuguesa, muitas vezes, não é a primeira língua estrangeira (ou adicional) aprendida, mas é a segunda, terceira ou quarta, como se observa:

Tem-se observado um número crescente de interessados em PE-LE (português como língua estrangeira) em diferentes locais e por razões diversas. A expansão de PE-LE é devida, em grande parte, ao incentivo do governo brasileiro em promover a Língua Portuguesa e também à demanda daqueles interessados em aprendê-la para diferentes propósitos, tais como negócios, turismo e interesses culturais diversos (ROTTAVA, 2009, p. 2).

Nosso segundo desafio para organizarmos as nossas aulas residia na situação social e de vida dos nossos alunos; afinal eles serem pessoas refugiadas e estarem em uma situação muito delicada. Existe no Brasil um crescente movimento de imigração de refugiados. Segundo a ACNUR-Brasil (Agência da ONU para Refugiados), em 2017 se teve um total de 33.866 pessoas solicitando o reconhecimento da condição de refugiado no Brasil.

Os venezuelanos representam mais da metade dos pedidos realizados, com 17.865 solicitações. Na sequência estão os cubanos (2.373), os haitianos (2.362) e os angolanos (2.036). Os estados com mais pedidos de refúgio são Roraima (15.955), São Paulo (9.591) e Amazonas (2.864), segundo dados da Polícia Federal (ACNUR, acesso 10/10/2018)

Nossos alunos fazem parte desse contingente de venezuelanos refugiados no Brasil. O que fez com que não nos importássemos apenas com ensinar nossa língua materna como uma língua adicional, mas, ao mesmo tempo, nos preocupamos em como iríamos fazer isso com alunos que vinham de condições severas e preocupantes: fugidos do seu país de origem, muitos com suas famílias ainda na Venezuela, não estavam aprendendo português por um interesse pessoal, mas porque precisavam saber a língua para se inserirem no mercado de trabalho do meio social que estão vivendo.

Várias questões nos rondaram para começarmos a elaborar as aulas, para sabermos como abordar conteúdos diversos e para nossas aulas serem realmente significativas e úteis para esse grupo de pessoas em uma situação delicada e que tinham diferentes níveis de português.

Sabíamos que esses alunos tinham uma necessidade urgente que era inserir-se no mercado de trabalho ou focar na sua área profissional. Alguns já estavam empregados, mas não na sua área de formação. Com tudo isso, pensamos em construir uma oficina voltada para estruturação de currículo escrito e em vídeo, entrevista de emprego e e-mail dentro de uma empresa.

Existe uma passagem nos Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul (2009), onde se fala sobre a importância do sentido do que está se aprendendo em uma aula de língua adicional. Obviamente, nos Referenciais, trata-se de sala de aula de uma escola, mas acredito que, no contexto de português como língua adicional, podemos aplicar essa passagem para o nosso curso também:

aprender uma língua adicional na escola é poder participar de atividades que façam sentido para os educandos desde o princípio. Com efeito, o lugar e o espaço do ensino de uma língua adicional na grade escolar parece depender da atenção e da motivação despertados nos participantes pela relevância que os contextos de uso da língua tiverem para eles, no desejo de circulação por práticas sociais valorizadas no seu meio e em outros meios que venham a se apresentar como interessantes (p. 131).

Não sabíamos qual era o nível de proficiência que eles tinham em português (se tinham algum), nem quanto tempo eles estavam no Brasil e tinham contato com a língua. Como nossos alunos eram venezuelanos, eles têm como língua mãe o espanhol, uma língua irmã do português. Por isso mesmo, alguns aspectos de nossas aulas foram mais simples, como a compreensão da fala entre nós e eles. Mas, ao mesmo tempo, essa compreensão acabou tornando-se um empecilho para a produção oral deles já que, mesmo eles falando espanhol e nós português, nós todos nos entendíamos.

Essa questão de a gente se entender mesmo não falando a mesma língua, facilita a compreensão da fala e da escrita e facilita no momento de explicações. Mas, ao mesmo tempo, quando em alguns momentos existiam enunciados em português da nossa parte e respostas para esses enunciados em espanhol da parte deles, eles acabavam por pensar que, como conseguíamos nos entender, eles (1) já estavam falando português ou (2) não precisariam aprender língua portuguesa, pois a comunicação era efetiva, mesmo em línguas diferentes, por isso focamos na produção oral deles:

A facilidade inicial das habilidades receptivas, a rapidez com a qual se adquirem as habilidades produtivas, e a subsequente alta motivação entre os alunos diminuem o grau de ansiedade (Milleret 1992), proporcionando um ambiente propício para a aprendizagem. Por outro lado, no entanto, esta mesma proximidade é responsável por um alto nível de interferência, pois acredita-se que a presença de L1 (espanhol) na produção oral e escrita em português é mais frequente que na produção de falantes de línguas tipologicamente mais distantes. Este maior grau de transferência negativa, ou interferência, na aquisição de línguas próximas resulta de um processo cognitivo pelo qual o aprendiz percebe a alta possibilidade e êxito de transferência do conhecimento de L1 na produção e recepção de L2 (Faerch e Kasper 1987) (CARVALHO, 2002, p. 598).

Claro que essa asserção (2) é verdadeira, no caso a primeira função da língua é a compreensão dos vários sujeitos que estão inseridos em um diálogo, mas a nossa preocupação não era só a comunicação deles com o mundo ao redor, mas principalmente a compreensão sem eles sofrerem preconceitos por “não saberem” falar em português e, também, a produção e compreensão escrita deles.

O termo “refugiado” vem com uma carga que designa preconceitos (discursos como “os venezuelanos estão vindo para o Brasil roubar empregos dos brasileiros” são muito falados pelos brasileiros). Ao mesmo tempo que o Brasil é um país receptivo para imigrantes por ter uma política de imigração mais acessível, é também um muito xenofóbico pela sua população. Muitos brasileiros não aceitam o Brasil abrigando pessoas vindas de outros países na situação de refugiados por questões políticas e sociais, apesar da sua população ser na grande maioria descendentes de imigrantes.

Por isso, além de trabalharmos com o PLA, trabalhamos também com o português como língua de acolhimento, uma língua aprendida de forma pacífica para aproximar esses alunos não só do mercado de trabalho, mas ao mesmo tempo das interações de seu dia-a-dia:

A aprendizagem da língua do país de acolhimento é, claramente, de total importância para inserção social e profissional dos imigrantes, gerando mais igualdade de oportunidades, facilitando o exercício da cidadania e potencializando qualificações enriquecedoras, tanto para quem chega quanto para quem acolhe[...] (HARTWIG, 2017, p. 220)

Visando à inserção ou realocamento desses alunos no mercado de trabalho brasileiro, nossos dois focos foram “currículo impresso” e “currículo em vídeo”, trabalhamos os aspectos orais e escritos, inserindo o ensino e aprendizagem da gramática (infelizmente por falta de tempo, não conseguimos trabalhar com a parte de entrevista de emprego e e-mail para empresas).

Um dos nossos objetivos com essa Oficina de Currículo (além da montagem de um currículo voltado para as áreas de trabalho dos participantes) era, através da aprendizagem da

língua portuguesa e do seu uso, facilitar a inserção desses venezuelanos no mercado de trabalho. Nossa meta não era apenas definirmos em conjunto regras para elaborarmos um currículo bom, mas, também, usar língua estrangeira como forma de socialização em ambientes de trabalho, inserindo-os nas práticas sociais que envolvem o mundo do trabalho.

A ação de aprender o português como língua estrangeira nessa oficina não era “aprende só por aprender”; existia um contexto por trás da língua, o que fez com que esses alunos se interessassem e usassem a língua adicional de um modo mais amplo. Quando se ensina uma língua estrangeira só pelas suas estruturas gramaticais e sem ter um mote, um estímulo principal, se aprende apenas pela sua estrutura e não pelo seu âmago, que é a língua em uso.

Em um artigo para a *Revista do ISAT* “Relacionando as crenças de professores e de aprendizes à interação” (2005), Rottava e Felipin falam brevemente sobre como a concepção de aprendizagem e de linguagem se baseavam em separar a forma de uma língua do uso dela e como hoje, a base de aprendizado se concentra mais na parte sociocultural:

A aprendizagem ocorre em atividades socioculturais significativas e a linguagem em uso (HALL & VERPLAETSE, 2000 e VYGOSTSKY, 1984 e 1996), cuja concepção de linguagem e de aprendizes está ligada à ação social em uso, em que os aprendizes são agentes do processo de socialização não apenas da língua mas de atividades práticas dos grupos sociais de que faz parte, apropriando-se da cultura intelectual; aprender portanto é utilizar-se dos significados comunicativos em atividades socioculturais reais (HALL, 2001, p.39) (ROTTAVA e FELIPIN, 2005, p. 16).

2.2 COM QUAL METODOLOGIA TRABALHAMOS

A língua⁵ só faz sentido para um aprendiz de LE, quando ela é colocada em uso, quando o conjunto de vocábulos, regras e suas exceções fazem sentido no seu dia-a-dia e na socialização desses indivíduos, onde quer que seja.

O principal método que usamos para conduzir as atividades propostas foi o método da interação. É preciso deixar claro alguns conceitos de interação, o porquê escolhemos esse tipo de método e como prosseguimos com isso.

Existem várias expectativas quando falamos sobre “interação em aprendizagem de LE”. No artigo já citado, Rottava e Felipin (2005) explanam sobre as expectativas e crenças de alunos e professores de LE e LM sobre o que é interação no momento de aprendizagem - vamos focar

⁵ Neste trabalho, a língua é vista como língua em uso para as interações do nosso dia-a-dia.

aqui, nas respostas dos alunos de LE. Entre as quatro crenças dos alunos de LE, três delas são: “Crença 02 – interação é comunicação”, “Crença 03 – interação é trabalho em grupo” e “Crença 04 – interação é construção de conhecimento”. Outro dado importante dessa pesquisa é que:

46% afirmam aprender mais quando se trabalha em grupo e 54% trabalham mais em grupo. 85% acreditam que o trabalho em grupo contribui para que a interação ocorra, indicando que os aprendizes acreditam que o trabalho em grupo contribui para a interação e também para a aprendizagem, na medida em que consideram o trabalho em grupo eficaz para a aprendizagem, assim como o é a interação (ROTTAVA e FELIPIN, 2005, p. 21).

O trabalho em grupo, então, é oportuno quando queremos trabalhar com interação pois quando temos várias pessoas é mais fácil trabalharmos com duplas, trios, fazemos trocas de papel e variar os microgrupos na hora do trabalho. Devemos sempre lembrar que quando estamos trabalhando em formato de grupo com uma LE, o papel do professor/instrutor é muito importante na hora de lembrar os alunos que, mesmo eles tendo uma língua materna em comum, eles devem praticar a LE que estão aprendendo.

Depois de escolhermos a interação como o método de envolvimento dos alunos com o material e com as aulas, pensamos em como iríamos trabalhar a aprendizagem em PLA. Escolhemos a categoria “oficina” por ser pouco tempo de curso (oito encontros de quatro horas cada um) e por querermos trabalhar com a língua na prática.

As oficinas são um espaço onde se ensina e se aprende a teoria e colocando-a em prática, construindo, assim, uma ponte entre as duas. No caso de ensino de línguas – seja ela uma língua materna ou línguas estrangeiras – essa ponte se faz necessária para o aluno perceber a língua viva e o seu uso no dia-a-dia. É também um modelo de curso que abre mais portas para o trabalho em conjunto, com interações entre aluno-aluno e aluno-professor. E essas foram as bases para a construção do projeto do curso e dos materiais usados nele.

No trabalho “Metodologia de Oficina Pedagógica: uma experiência de extensão com crianças e adolescentes”, Figuerêdo, Silva, Nascimento e Souza dissertam acerca do uso da oficina como forma de ensino:

Segundo Candau (1995), a oficina constitui um espaço de construção coletiva do conhecimento, de análise da realidade, de um confronto e troca de experiências. A atividade, a participação, a socialização da palavra, a vivência de situações concretas através de sociodramas, análise de acontecimentos, a leitura e a discussão de textos, o trabalho com distintas expressões da cultura popular, são elementos fundamentais na dinâmica das oficinas pedagógicas (2006, p.3).

Outro ponto importante em que eles tocam é de como em uma oficina “educadores e educandos são co-criadores na produção do conhecimento” (p. 4). Essa definição é muito significativa levando em conta o trabalho que fizemos, pois, obviamente os materiais foram montados por nós, educadoras. Mas sem a situação em que os educandos se encontravam, sem o passar das aulas e as dúvidas que eles tinham, não teríamos conseguido elaborar um material tão específico. Além do nosso conhecimento prévio como estudantes de licenciatura em Letras, a participação e a troca de conhecimento com esses alunos foi imprescindível.

E nessa situação é bom frisar que depois de cada aula, precisávamos nos reunir para reavaliar os materiais: o que precisávamos ou podíamos cortar, o que não deu tempo de vermos na aula anterior, se precisávamos adicionar algum conteúdo que sentimos que eles precisavam aprender para seguir em frente. Com a ajuda da professora Kétina Timboni, nós tínhamos que modificar materiais e planos de aula, para adaptarmos as coisas necessárias para a aprendizagem deles.

Para alcançarmos os dois objetivos principais do nosso curso, que eram a construção do currículo escrito e do currículo em vídeo, trabalhamos com várias práticas de comunicação com a turma durante o curso, como, leitura e produção de textos escritos, exposição de vídeos e debates sobre eles, prática de *role-play* (encenação). Todas essas práticas vinham acompanhadas de discussões e conversas sobre seus temas.

Nesta seção vou expor o modo como essas práticas ocorreram. Não vou especificar detalhes de cada uma delas, pois isso será feito em outra seção deste trabalho.

Começamos a oficina com as apresentações de cada aluno. Foi preciso um momento de avaliação de qual era o nível do conhecimento da língua portuguesa para cada um deles. E como nossa oficina foi voltada para o mercado de trabalho, queríamos estar cientes de quais eram as áreas de atuação desses alunos, qual era a situação laboral de cada um deles aqui no Brasil e qual era a situação lá na Venezuela.

Apresentamos um vídeo, sem fala nenhuma, para eles discutirem. Nosso ponto principal aqui não era a compreensão oral deles, mas sim a produção em português. Nos primeiros momentos houve bastante uso da língua espanhola, principalmente por eles estarem em um grande grupo de falantes da mesma língua materna. Já nos atentamos para esse fato: a língua materna deles (espanhol) estava aparecendo demasiadamente em uma primeira discussão e precisávamos saber como iríamos sanar esse problema. Porém o que entendemos depois foi que, nessa atividade, em nenhum momento demos suporte de, por exemplo, frases que eles poderiam usar para darem opinião em português.

Antes de começarmos a desenvolver a construção dos currículos escritos e em vídeo, precisávamos situar esses alunos dentro do assunto “mercado de trabalho” e “currículo”. Para isso trabalhamos com o vídeo citado anteriormente, trouxemos informações sobre o mercado de trabalho, sobre como eram os nomes das profissões deles em português, entre outras informações. Usamos alguns jogos simples como jogo da memória e bingo para a aprendizagem dos nomes das profissões.

Trabalhamos com fichas de dados cadastrais para eles entenderem quais eram os tipos de informações que eles precisavam para colocarem no currículo. Para nós eram informações simples, de fácil acesso, siglas como CPF, RG, CEP, e informações como endereço completo (contendo número da casa, de apartamento, bairro...). Eram detalhes que eles precisavam aprender e entender para conseguirem desenvolver um currículo.

Depois que essas questões estavam sanadas, focamos no currículo escrito. Levamos textos sobre como poderíamos elaborar um bom currículo, quais as informações que deveriam aparecer, quais não deveriam, o que era adequado e não adequado em um currículo. Sempre que levávamos um texto para a sala de aula, líamos junto com a turma, trocando os turnos de leitura para que de algum modo conseguíssemos ter noção de como a pronúncia deles estava evoluindo.

Sempre após o contato com – nesse caso – texto, ou vídeo, abríamos espaço para conversarmos brevemente sobre a compreensão deles do texto. Nesse momento captávamos como estava o entendimento deles diante da leitura em português.

É válido sempre lembrar que, como a língua portuguesa e a língua espanhola são irmãs, as dificuldades de compreensão de leitura ou da parte oral em português eram menores que as dificuldades de produção nesses mesmos quesitos e, como nosso foco eram as produções (principalmente oral), acho importante frisar isso.

Levamos também alguns currículos tirados da internet para eles avaliarem e apontarem o que estava bom ou ruim. Eles ganhavam tabelas para apontarem o que gostaram ou não e então, posteriormente, abríamos espaço para a fala deles. Nesse momento já estávamos alertas para a questão que levantei anteriormente sobre as discussões serem majoritariamente em espanhol. Então já trouxemos exemplos, por escrito e em português, de como começar as frases de opinião ou de sugestão. Frases como “acredito que...”, “eu acho que...”.

Deixávamos cada um trazer as questões que mais achavam pertinentes e analisarem juntos para então eles mesmos elaborarem algumas regras básicas do que era apropriado na montagem do currículo. Isso foi importante para a comunicação em sala de aula e para a construção conjunta do grupo.

Após as reflexões em grupo, cada um deles escreveu um ou mais currículos, e trouxeram para a aula, mostraram para a turma e então debatiam o que poderiam melhorar no currículo dos colegas. A mesma atividade que tinham feito anteriormente com currículos anônimos, mas agora com seus próprios. Houve alguns alunos que só quiseram expor seus currículos depois de mostrarem para mim ou para minha colega Priscilla, o que foi aceito por nós pois não mexíamos muito e então ele continuava válido para a discussão entre os colegas.

Esse tipo de interação em que trazíamos um material, analisávamos, debatíamos em aula, eles produziam um material semelhante e traziam para análise e debate, ocorreu várias vezes durante o curso e foi muito válido, pois eles conseguiam construir noções e análises em grupo e, ao mesmo tempo, utilizar a língua portuguesa nas mais variadas esferas de diálogo e assim conseguiam ter êxito no progresso de aprendizagem da língua portuguesa.

Quando propusemos a estruturação de um currículo em vídeo, utilizamos da mesma metodologia do currículo escrito, com pequenas modificações pela plataforma ser diferente. Primeiro trabalhamos com textos de apresentação pessoal ainda nas primeiras aulas. Como fazer um texto de apresentação pessoal? O que nele deve aparecer? Trouxemos exemplos de currículos em vídeo para eles observarem e avaliarem em grupo. Do mesmo modo que as atividades anteriores, eles apontavam erros e acertos desses currículos.

Uma das principais questões que abordamos aqui foi a de que o currículo em vídeo não é apenas a leitura do currículo escrito. Por esse motivo eles precisaram construir um roteiro para então gravarem o vídeo currículo. O roteiro também foi trazido para a discussão em grupo. Foi um momento um pouco mais breve, mas foi importante para a nossa análise de como estava a escrita deles, já que estávamos no meio do tempo do curso (questões de tempo do curso serão explicadas mais explicitamente no capítulo de análise do material). Nesse ponto do curso a escrita deles já tinha evoluído bastante, e eles já conseguiam identificar na fala alguns erros de vocabulário e gramática.

Fizemos em conjunto com os alunos as análises de exemplos de currículo em vídeo juntos, em que cada um fez seu roteiro, que também foi analisado, e em seguida eles começaram a gravar os vídeos. Em um momento final do curso, também foi feita a análise desses vídeos pelos colegas da turma. Eles apontavam não só questões estruturais do vídeo – como qualidades da câmera, barulhos, expressões corporais – mas identificavam também o uso do espanhol na fala dos colegas.

Esse estágio de identificação do erro, principalmente quando a LA estudada é uma língua irmã, mostra como o aluno está tomando consciência da LA aprendida e está internalizando estruturas dessa LA.

Outro tipo de atividade de comunicação e interação que usamos variadas vezes foi a técnica de *role-play*. Essa técnica é mais conhecida por ser usada em jogos de RPG, onde os participantes têm que atuar e interagir de acordo com o papel que recebem ou que escolhem. Mas existe uma abordagem didática que usa do *role-play* (encenação) como ferramenta para a interação em sala de aula. Essa técnica é muito usada em cursos de LE, justamente por colocar os alunos em um momento de aplicação da língua em situações diárias e funciona de forma parecida com os jogos de RPG. Na técnica de *role-play*, aplicada para LE, os alunos também irão interagir de acordo com o papel ou situação que recebem.

Em seu trabalho de pós-graduação *Role-play: o ponto de vista dos alunos de língua estrangeira*, Daniel Christian de Oliveira Rosa disserta sobre a importância da técnica de *role-play* no ensino de uma LE e nos traz passagens importantes como:

através deles [role play], é possível a introdução ao uso de diversas funções e estruturas da língua. Em segundo, por permitir a inclusão de questões de ordem pragmática as quais, em geral, são esquecidas pelo ensino. Em terceiro, o fato de pessoas estarem aprendendo inglês para o cumprimento de certas tarefas e representação de certos papéis sociais torna o role-play um alternativa óbvia de trabalho, pois, através dele, os aprendizes poderão praticar a língua enquanto desempenham seus papéis no ambiente seguro da sala de aula. A quarta justificativa oferecida por Ladousse tem a ver com os alunos mais tímidos, que, através do role-play, podem participar das conversas sem verem comprometidos aspectos de sua personalidade, afinal estão conversando sob a máscara do personagem. A última razão dada pela autora, e que, conforme ela, é a mais importante, é o simples fato de ser divertido de fazer (p. 25-26).

Pode acontecer de diferentes maneiras: 1) cada aluno ganha um papel com informações e em duplas eles precisam montar diálogos; 2) as duplas/trios ganham situações que eles precisam atuar; 3) a técnica pode ser usada voltada para um tópico gramatical específico; enfim, existem vários modelos de como aplicar o *role-play*.

Usamos essa técnica em alguns momentos, como: quando estudamos situações de diálogos formais e informais e quando estudamos os tempos verbais presente e pretérito perfeito. No primeiro, estávamos demonstrando em quais situações eles teriam uma conversa formal ou informal, levamos exemplos dessas situações com palavras específicas em cada uma das situações, exemplos de expressões e até mesmo modos de cumprimentos gestuais. Depois de vermos isso juntos, distribuimos para as duplas situações de encontros em diferentes lugares da cidade, com diferentes pessoas da vida deles, por exemplo: “encontrar um amigo no cinema” ou “encontrar o chefe na sala de reuniões”. Eles tinham então que desenvolver diálogos nessas situações a partir das situações que tínhamos analisado anteriormente.

O outro uso da técnica de *role-play* foi quando ensinamos os tempos presente e pretérito perfeito. Tínhamos sentido que eles tinham algumas dificuldades para produzir esses tempos verbais ou confundiam com o espanhol. Trabalhamos então com um texto em que esses tempos apareciam, analisamos juntos, conversamos sobre o texto, fizemos exercícios de lacunas para a fixação e partimos para o *role-play*. Demos para cada dupla um perfil de uma pessoa (fictícia ou famosa) que montamos previamente, e eles tinham que montar uma pequena biografia dessas pessoas e interagirem entre eles, conversando sobre isso. Por exemplo, na ficha do personagem os empregos anteriores e o atual. Então eles montavam diálogos do tipo “trabalhei na empresa X, atuei como diretor na empresa Y e agora trabalho na empresa Z”. Depois de montarem isso em duplas, eles apresentaram para o resto da turma.

Acredito que nas nossas aulas a técnica de *role-play* foi muito importante para desenvolvermos um modo de interação para e com a turma de alunos: e a técnica se mostrou muito efetiva dada a evolução do grupo de venezuelanos durante toda a oficina.

3 CRONOLOGIA DESTE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

3.1 QUESTÕES DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

A minha inquietação para escrever este TCC vem sendo construída desde o momento em que me dei conta que a língua portuguesa brasileira não é apenas uma língua materna, mas pode ser também uma língua estrangeira e que existe esse círculo de docência de PLA. E essa descoberta se deu por todo o contato que tive antes e durante o estágio docente com a turma de venezuelanos refugiados e por toda a aprendizagem e conclusões que esse estágio me proporcionou.

A partir da prática desse estágio não obrigatório como docente me interessei ainda mais pela área. Foi uma experiência renovadora, por eu estar ensinando a minha língua materna como uma língua estrangeira, e gratificante por estar ajudando pessoas a se aproximarem da comunidade ao redor delas por estarem aprendendo uma língua.

Concluído esse estágio obrigatório, achei que seria um erro deixar o material e essa experiência de lado e não dar continuidade a essa experiência, que acredito ter sido uma das – senão a mais – importante na minha formação no curso de Licenciatura em Letras da UFRGS.

Havia várias questões valiosas nesse estágio, como, a experiência em PLA, os alunos que tinham como língua materna uma língua irmão do português, o fato desses alunos estarem em uma situação de refúgio no Brasil, enfim, um contexto peculiar para a elaboração dos materiais. Todas questões que mereciam mais estudo e reflexão.

A UFRGS com o PPE faz um trabalho significativo com os refugiados que estão em Porto Alegre ou na região metropolitana. Outras universidades espalhadas pelo Brasil, a exemplo da UFRGS, também realizam trabalhos semelhante, implementando programas de acesso de refugiados com alguns critérios, como a UFMG, UNB, UFSM entre outras.⁶

No seu Trabalho de Conclusão de Curso, Bruna Souza de Oliveira faz uma análise de material didático para o português como língua de acolhimento e trata de mais algumas questões sobre isso. Ela também ilustra muito bem a situação da língua portuguesa com a socialização dos refugiados aqui no Brasil:

⁶Fonte do site Migra Mundo (<https://migramundo.com/cresce-numero-de-universidades-publicas-que-ofertam-acesso-para-migrantes-e-refugiados-no-brasil/>)

as políticas linguísticas ocupam um papel muito importante nesse processo de acolhimento, à medida que, como defende Oliveira (2010), há uma relação de grande importância entre conhecimento da língua do país que acolhe com a efetiva integração que o imigrante ou refugiado vai ter nesse lugar, entendendo-se que, através do conhecimento da língua, o sujeito poderá “estabelecer comparações entre diferentes formas de cidadania e de pertencimento à sociedade como um todo” (BRASIL, 2016, p. 12), à medida que o seu conhecimento amplia as possibilidades de inserção social e também profissional (2017, p.17).

Todas essas questões me provocaram para não deixar esse trabalho do estágio acabar quando ele foi finalizado. Nós que ainda estamos dentro de uma universidade pública e que ainda temos a oportunidade de pesquisar, trabalhar e escrever sobre isso, devemos usar essa oportunidade de mostrar o quanto o engajamento da população e das instituições é importante para esse momento de entrada de refugiados no país.

3.2 CONTEXTO DA APLICAÇÃO DO TRABALHO

O estágio foi realizado a partir de uma cadeira obrigatória no curso de Licenciatura em Letras da UFRGS, é a cadeira de Estágio em Docência em Língua Portuguesa. Como eu tinha essa vontade de explorar mais a área de PLA, resolvi ir por esse caminho e optei por esse tipo de trabalho. Como minha colega Priscilla também tinha essa vontade e sendo o estágio obrigatório feito em duplas, resolvemos então nos juntarmos para esse novo desafio.

Nossa turma era composta por 18 alunos, todos venezuelanos e todos em situação de refúgio no Brasil, com idades entre 25 e 79 anos. Alguns deles estavam no país há mais de dois anos, enquanto outros haviam chegado ao Brasil há apenas duas semanas. Então, o nível de português era variado, mas, mesmo os que estavam há anos no Brasil, ainda utilizavam muito a sua língua materna, pois aqui eles têm uma comunidade grande e muito unida e por isso convivem muito com venezuelanos, até mesmo pela situação em que todos eles se encontram.

Todos tinham formação acadêmica, no mínimo uma graduação, sendo que alguns tinham cursos de pós-graduação, mas que, por questões burocráticas, não conseguiam a validação dos diplomas. Alguns pensavam em fazer novamente um vestibular, outros queriam apenas validar seu curso fazendo somente as disciplinas que faltavam no currículo das universidades venezuelanas que eles frequentaram. Os que queriam validar os diplomas tinham

dificuldades financeiras para isso, pois precisavam traduzir documentos, e isso era um pouco caro para o orçamento deles.

Eles tinham as mais variadas formações (engenheiros, geólogos, físicos entre outras) e trabalhavam em telemarketing, professores em cursos de inglês, fabricavam pães e bolos em casa para vender, trabalhavam com aplicativos de motorista particular. Enfim, tinham várias ocupações, diferentes das suas formações

As aulas aconteciam aos sábados pela manhã, das 8h até as 12h. Como eles trabalhavam durante a semana e alguns não moravam em Porto Alegre, mas na região metropolitana, ficaria difícil o curso acontecer durante a semana, mesmo que fosse à noite. Alguns moravam em Guaíba, Sapucaia, Canoas e outros moravam em diferentes bairros na cidade de Porto Alegre.

As aulas, na sua maioria, aconteceram na Escola de Administração da UFRGS. Dois encontros aconteceram na sede da AVESOL⁷, que nos cedeu esse espaço por ter-se tornado um ambiente de encontro de refugiados de várias nacionalidades que se encontram em Porto Alegre e região metropolitana. Esses encontros aconteceram lá pois um dos sábados foi após um feriado e a UFRGS não abriria no sábado de manhã e o outro foi no dia da confraternização da turma, então, preferimos fazer lá por ser um ambiente de acolhimento deles.

Tivemos no total sete encontros, sendo que o nono encontro foi para finalização do estágio e para confraternização da turma, totalizando vinte e oito horas⁸ com eles.

Para a preparação do estágio propriamente dito tivemos sete encontros – dois meses - com a turma de Estágio de Docência em Língua Portuguesa II e com o Professor Arcanjo, encontros esses que foram estruturados em seminários em grupos, para discutirmos acerca de conceitos pertinentes à educação e ao ensino da língua portuguesa. A partir desses encontros estávamos liberados para levar para dentro da sala de aula e colocarmos em prática tudo que havíamos aprendido na universidade.

Durante a prática do estágio, o Professor Arcanjo se fez disponível para eventuais dúvidas que tínhamos e para nos orientar durante o nosso trabalho. Geralmente ele faz uma visita para cada dupla para observar o estágio, como é habitual em cadeiras práticas no curso de Licenciatura em Letras da UFRGS. No nosso, por ser um estágio em PLA e pelos alunos estarem em uma situação especial, ele fez duas visitas – uma visita foi na nossa segunda aula e a outra visita foi na aula de finalização, quando fizemos uma confraternização da turma.

⁷Associação do Voluntariado e da Solidariedade. Sede na Almirante Barroso, 665 no bairro Floresta em Porto Alegre.

⁸No Estágio de Docência em Língua Portuguesa II devemos cumprir 25 horas em sala de aula.

3.3 OBJETIVO COM O RELATO DESTE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Minha jornada no curso de Licenciatura em Letras até chegar a esse TCC foi longa. Antes de decidir refletir sobre a prática do meu estágio neste TCC, eu tive algumas outras ideias para o TCC durante o curso. Mas, por alguns motivos, decidi que daria mais frutos, não só para mim, mas também para a Comunidade Acadêmica, escrever sobre essa vivência.

Creio que os trabalhos que se fazem na academia, sejam eles trabalhos de conclusão de cursos, teses, artigos ou qualquer outro modo de trabalho, devem ser voltados para a utilidade pública dentro e fora das universidades.

Atentei que esse estágio e o reflexo dele poderiam ser úteis para futuros alunos da Letras que irão passar por essa experiência. Esse mundo de português como língua estrangeira será novo para vários alunos que nunca tiveram a oportunidade de trabalhar na área.

Sinto que, como passei por esta experiência, ajudando a elaborar materiais, aplicando as aulas, constando erros e fazendo ajustes e correções, posso e devo de alguma maneira construir uma ferramenta de auxílio para que os próximos professores em formação se utilizem dela para também chegarem ao seu êxito na área de PLA.

Também quis colocar este trabalho no papel por ter sido um dos trabalhos mais engrandecedores que tive dentro do curso de Licenciatura em Letras ao longo dos seis anos que eu o cursei. Foram vários esforços conjuntos e foi uma construção tão significativa que não queria que tudo isso acabasse. Quis eternizar esse trabalho que foi especial na minha formação de professora e que me fez enxergar que a aprendizagem e a troca entre professor e aluno, não terminam no final de uma aula, mas que continuam além da sala das paredes da escola.

4 DA TEORIA À PEDAGOGIA

Nas seções anteriores, expliquei que a metodologia escolhida por mim e pela minha colega Priscilla para elaborarmos materiais e as aulas deriva de uma concepção sociointeracionista da linguagem. Essa escolha não foi por acaso, ela aconteceu pelo próprio modo como tratávamos a língua e a linguagem. Queríamos que nossos alunos aprendessem **usando** a língua e que eles fossem **inseridos** na sociedade através da língua. A língua é viva e o ser humano é constituído pela língua e pela linguagem, assim, encontrando um modo de comunicação entre sujeitos.

As pessoas são sujeitos a partir do momento que começam a produzir interação entre si, e a língua serve de apoio para essas determinadas interações que dependem de situações específicas, do locutor e interlocutor. A língua não existe sozinha, para ela existir, precisa-se que exista um sujeito, das suas necessidades e da situação em que ela é aplicada.

E em cada língua eu sou um sujeito diferente. Falando português eu sou um sujeito que pratica as interações em português com outro sujeito; se eu souber falar inglês e tiver interações nesta língua, sou outro sujeito, agora, um sujeito que se constitui a partir do recorte cultural dessa língua e das interações significativas que ela possibilita. Por isso a importância de aprender a língua estrangeira quando se vive no país que essa língua é materna. Quando não sabemos a língua falada pela maioria da população do meio social em que vivemos, nos ressentimos da falta de interação com as pessoas ao nosso redor.

João Wanderlei Geraldi, em seu livro *Portos de Passagem*, traz definições de sujeito, língua e interações. Após ler essas definições que ele concebeu, tomo-as como definições de língua, sujeito e interação que apresento neste trabalho. Geraldi explica, a partir de um caminho que Bakhtin abre, como esses três elementos formam um triângulo que se completam um pelo outro. Ele explica:

- a) que a *língua* (no sentido sociológico do termo) não está de antemão pronta, dada como um sistema de que o sujeito se apropria para usá-la segundo suas necessidades específicas do momento de interação, mas que o próprio processo interlocutivo, na atividade de linguagem, a cada vez a (re)constrói;
- b) que os *sujeitos* se constituem como tais à medida que interagem com os outros, sua consciência e seu conhecimento de mundo resultam como “produto” deste mesmo processo. Neste sentido, o sujeito é social já que a linguagem não é o trabalho de um artesão, mas trabalho social e histórico seu e dos outros e é para os outros e com os outros que ela se constitui. Também não há um sujeito dado, pronto, que entra na interação, mas um sujeito se completando e se construindo nas suas falas;
- c) que as *interações* não se dão fora de um contexto social e histórico mais amplo; na verdade, elas se tornam possíveis enquanto acontecimentos singulares, no interior e

nos limites de uma determinada formação social, sofrendo as interferências, os controles e as seleções impostas por esta. Também não são, em relação a estas condições, inocentes. São produtivas e históricas e como tais, acontecendo no interior e nos limites do social, constroem por sua vez limites novos (1997, p. 6 e 7).

Para Geraldi esses três conceitos estão diretamente ligados quando falamos da interação como produção de língua e lugar do sujeito constituído na e pela linguagem.

A língua faz parte da identidade social do sujeito. Ela é o que constitui e o que dá voz ao sujeito nas interações sociais, por isso mesmo, a língua deve ser prática, deve ser usual, passando a ser constituinte dele, em diferentes momentos e situações:

a noção de identidade social do aprendiz de língua implica a noção de comunicação e interação social. Conseqüentemente, os aprendizes fazem parte de um contexto social de língua onde o uso dela é heterogêneo.

O conceito de heterogeneidade origina-se em Bakhtin, segundo o qual, quando um participante toma parte no discurso apropria-se das palavras do 'outro' e segue determinadas regras de uso para que possa ser compreendido pelos seus interlocutores. Em outras palavras, o falante precisa apropriar-se de 'vozes' para que possa ser aceito como pertencente a uma determinada comunidade discursiva (ROTTAVA, 2009, p. 89).

Essa "voz", para os nossos alunos, era saber e conseguir falar português. Era a voz deles como pessoas inseridas em um meio social falante da língua portuguesa brasileira. E o falar a língua portuguesa é o meio que eles têm para serem ouvidos como falantes e como sujeitos aqui no Brasil.

Esta linha de concepções de língua, linguagem e interação, constituem-se a partir de Bakhtin sobre língua e interação. Para ele a língua é como uma moeda que tem dois lados, ela precisa de, no mínimo, dois sujeitos para praticarem a interação. Segundo Bakhtin,

toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente o *produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor (1995, p.8 – grifos do autor).

Ou seja, não existe uma língua sem interação, sem o locutor e o interlocutor. Assim, não faz sentido ensinar e aprender uma língua, seja ela materna ou adicional, sem usarmos dos recursos dessa interação, afinal, usamos a palavra, a língua, a linguagem quando precisamos nos expressar para alguém perto ou longe de nós, que acesse essa mensagem e compreenda o seu significado. Assim, em nosso trabalho, a interação é ponto de partida e ponto de chegada.

Benveniste, em sua grandiosa obra *Problemas de Linguística Geral I*, nos lembra que “É na língua e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (1995, p.286). O homem só se torna um sujeito do discurso quando faz o uso da linguagem para interação com outro indivíduo. Para o autor, a linguagem, na verdade, está na constituição da natureza do homem e não foi simplesmente inventada por ele. Ela faz parte do que a gente é e de como nos comunicamos.

Mais uma vez,

Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem (BENVENISTE, 1995, p. 285).

Nossa Oficina de Currículo se constituiu através de atividades de interação da língua voltadas para algumas especificações, como: mercado de trabalho, apresentação pessoal e profissional, interações formais e informais em ambientes e com interlocutores que estivessem em um meio específico que é o campo profissional. Tínhamos situações específicas para interlocutores específicos. E a língua se faz através da interação de dois indivíduos (locutor-interlocutor) que se colocam em um mesmo momento, em uma situação específica, em um nível específico.

A esse respeito, Rottava (2009) pondera sobre essa questão da língua constituir identidade e ser voltada para o lugar de vivência do sujeito, seja no âmbito da escola, de trabalho ou de outros cenários em que o sujeito vive e interage. Enfatizando a ideia de Bakhtin, ela reflete que:

Comunidades discursivas estão relacionadas aos interesses e às necessidades profissionais e pessoais de seus falantes. Em comunidades discursivas multiculturais ou multilíngues, essa diversidade está também ligada à competência comunicativa da LE que seus usuários apresentam. Nesse sentido, o conceito de diálogo é relevante para o contexto de L3 ou LE adicional na medida em que se pode melhor compreender diferenças linguísticas em termos de características culturais e entender contextos multilíngues e multiculturais nos quais os aprendizes estão inseridos (ROTTAVA, 2009, p. 88).

Conscientemente – ou inconscientemente – nossas escolhas sobre como trabalhamos a língua de uma forma interativa, para o verdadeiro uso dela, partem desse princípio de sujeito-linguagem-interação.

Uma última questão importante para arrematar e ir ao encontro do que já foi falado nesta seção do TCC, que acredito ser de extrema importância, por ser um dos principais “condutores de energia” do trabalho feito no estágio e confirmado neste presente trabalho é que é através da linguagem (falada ou escrita) que os sujeitos praticam ações no mundo, constituindo assim as interações – lembrando que isso faz parte de um dos pontos de vista bakhtiniano sobre a linguagem.

Segundo Oliveira, no seu Trabalho de Conclusão de Curso, já citado aqui anteriormente,

A concepção da linguagem como forma de interação foi desenvolvida pelo círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 1997) e entende a principal motivação da linguagem como sendo a interação. É através da linguagem que seres humanos interagem nos mais diversos momentos e lugares, de diversas formas. Na perspectiva bakhtiniana, é através da atividade da linguagem, tanto de caráter escrito quanto falado, que os sujeitos realizam ações no mundo, em consideração com os contextos sócio-históricos e ideológicos que pressupõem cada ato comunicativo (2017, p. 24).

As nossas questões de criação para a Oficina foram respondidas no momento em que vimos nossos alunos como sujeitos que se constituem pela língua, que queriam construir uma identidade que para eles é estrangeira e quando encontramos a interação como uma forma de ensino e aprendizagem na língua estrangeira. Acredito que, de todas as concepções de língua e linguagem, interação, sujeito, locutor e interlocutor, que faziam parte e foram raiz do nosso trabalho, essas apresentadas nessa seção foram as que mais se coadunavam com as nossas atividades propostas, com o modo como queríamos ensinar e com os objetivos alcançados no nosso caminho de docência.

5 ANÁLISE DOS MATERIAIS

Depois de ter refletido sobre a metodologia que foi aplicada e explicar sobre as teorias de língua e linguagem que fundamentaram e me apoiaram na escrita deste trabalho, nesta seção mostrarei alguns materiais que estruturamos tendo a interação como meio e fim da aprendizagem. Meio, por ser o modo como escolhemos ensinar o português; fim, pois a interação dos alunos em português entre eles e com outras pessoas fora do ambiente da sala de aula, era um dos nossos objetivos com a Oficina. Vale lembrar que esse material foi construído em conjunto por mim e pela minha colega Priscilla Pereira Nunes com a ajuda pra professora Kétina Timboni para a Oficina e foram baseados em materiais já existentes no PPE, produzidos por Abel Prates e Bruna Sommer.

Apresento a seguir alguns exemplos de atividade que na minha opinião foram importantes no desenvolver da Oficina, explicando como eles foram usados em aula, como foi o desenvolvimento de cada exercício, o que deu certo e o que poderia ser melhorado, qual foi a reação de aprendizagem dos alunos e quais dúvidas surgiram por parte dos alunos em relação com o que foi aprendido nas aulas. E ao final de cada seção, colocando a tabela de organização da aula daquele dia que ocorreu esta atividade.

Todas as esquematizações de cada aula estará no ANEXO 2.

5.1 APRESENTAÇÃO

A Oficina de Currículo começou com um exercício de interação bem básico. Fizemos a apresentação nossa para os alunos e então eles começaram a se apresentar. Para isso, colocamos no quadro algumas perguntas em português e sugestões de respostas.

Quadro 1: Guia de Apresentação dos Alunos

Qual é o seu nome?	Meu nome é....
Como você se chama?	Eu me chamo...
Qual a sua idade?	Minha idade é X anos.
Quantos anos você tem?	Tenho X anos.
De onde você é?	Sou da Venezuela/do Brasil.
De onde você veio?	Eu vim da Venezuela/do Brasil.
Onde você mora?	Moro em Porto Alegre/Gravataí.
Qual a sua profissão?	Sou engenheira/professora. Minha profissão é.....

Essa técnica de ofertar palavras e expressões que serão usadas na atividade é muito usada pelo PPE da UFRGS, principalmente com alunos de PLA que têm como sua língua materna o espanhol, pois eles tendem a responder em espanhol por serem língua parecidas e assim a interlocução acontecer.

A partir desse quadro, começamos as apresentações. Nós perguntávamos para eles, e, então, eles respondiam baseando-se nos indícios linguísticos das respostas presentes no quadro. E eles também perguntavam uns aos outros, perguntavam para nós, para não só saber e treinar as respostas, mas também para saberem usar as perguntas.

Assim, quando perguntamos para um deles, por exemplo, “Qual é o seu nome?”, eles entendiam a pergunta, por terem como língua mãe uma língua irmã do português, mas tinham a intuição de responder em espanhol “Mi nombre es...”, então apontávamos para o quadro para a resposta “Meu nome é...”, e eles entendiam como era a resposta em português. Quando eles entendiam essa resposta específica estruturada em português, a gente falava “mas temos outro modo de falar como é o meu nome em português”. Aí eles voltavam para o quadro e viam que havia a opção “Eu me chamo...”, eles associavam então ao espanhol “Ah, claro, ‘eu me chamo...’ tem o mesmo significado que o nosso ‘yo me llamo...’”. Eles entendiam então que tínhamos duas opções de responder a pergunta “Qual é o seu nome?”. Notavam então que tínhamos a pergunta “Como você se chama?” e já lançavam “mas e para essa pergunta, qual é a resposta certa?”; então, voltávamos para as respostas e mostrávamos que também poderiam ser as duas.

Para algumas outras perguntas e respostas deste quadro também fazíamos isso. Havia duas perguntas e duas respostas: nós associávamos as duas junto com eles, mostrávamos que a pergunta tinha mais que duas opções de resposta e que para uma resposta poderiam ser feitas duas perguntas.

Passamos então para o momento de eles usarem isso na prática. Como eles tinham treinado entre eles e conosco, partíamos, então, para um momento de escrita: eles deveriam escrever um pequeno texto sobre eles. Fizemos isso para, além deles treinarem o uso das informações, também, sabermos como estava o nível de escrita deles e o que teriam que melhorar. Tiveram alguns minutos para escreverem o texto. Enquanto escreviam tiravam dúvidas conosco. Então, os que quisessem poderiam ler o texto para os colegas.

A interação neste exercício aconteceu de várias formas: primeiro, eles entendendo, através de uma conversa, quais eram as formas de eles se apresentarem em português; depois, eles entre si e conosco, fazendo as perguntas e respostas, para treinarem a fala e, por fim, através do texto que fizeram, lendo para a turma.

Aos poucos, tendo o domínio dessas perguntas e respostas (que, para nós, brasileiros, são tão simples e básicas) eles passaram a ter condições de se apresentarem em uma língua estrangeira e terem o começo de uma autonomia mínima que lhes possibilitasse se sentirem sujeitos na língua portuguesa.

Com esse exercício, eles estavam aprendendo perguntas básicas que poderiam ouvir por serem estrangeiros. E pela temática da Oficina ser “mercado de trabalho”, eles provavelmente iriam ouvir essas perguntas em uma entrevista de emprego, mas, nesse momento, eles também aprenderam algumas conjugações verbais como presente do verbo “ser” na primeira pessoa e na terceira pessoa do singular; o mesmo do verbo “ter”, “morar”. Essas conjugações verbais eram importantes pois eles tinham pouca base sobre tempos verbais e também serviu de base para as próximas aulas, em que abordamos esse assunto.

Quadro 2 Esquematização da aula 1

AULA 1- 12/05 - ESTÁGIO – MARIA CECÍLIA E PRISCILA			
ETAPA	PROCEDIMENTOS	TEMPO	MATERIAIS
Apresentação Pessoal/Professoras e Aluno	Dinâmica de Apresentação/ com modelos de perguntas ex: Qual o seu nome.	2hs	
Apresentação de modelo de apresentação em português	Unidade 1- Novo Avenida Brasil- Exercícios /diálogos de Apresentação	1hs	
Fechamento	Video ‘’ El empleo’’, discussão do vídeo.	1hs	

5.2 JOGOS

Em uma das aulas (inclusive, foi a aula que o nosso professor orientador Arcanjo observou), trabalhamos com dois jogos: jogo da memória e bingo. Fizemos os jogos com vocabulários voltados à temática da Oficina.

No bingo, cada grupo ganhou uma cartela com as profissões (todas profissões de formação dos alunos da turma). Eu e minha colega sorteávamos cada uma das profissões e nos grupos, eles colocavam um feijão se tinham a profissão na tabela. Além de eles marcarem a profissão que era sorteada, eles tinham que indicar o colega que tinha essa formação. Então aprendiam o “Fulana é socióloga ” ou “Fulano é escritor”.

O jogo do bingo foi muito produtivo para aprenderem alguns nomes de profissões deles e dos colegas e conjugarem o verbo “ser” no presente na terceira pessoa do singular. Foi divertido também por ter sido um momento de aprendizado e distração, pois eles tinham muitas preocupações por conta da situação em que se encontram no Brasil e pela situação do país deles também.

A nossa interação em sala de aula acontecia muitas vezes não só diretamente com conteúdos gramáticos e de vocabulários que passávamos para eles, mas também em momentos de desabafos da parte deles pela situação toda que eles passavam.

Quadro 3: Exemplo de uma tabela de Bingo

ADVOGADO	ESCRITOR	SOCIÓLOGA	ENGENHEIRA DE INFORMÁTICA
DESIGN GRÁFICO	AVIADOR	ENGENHEIRO ELETRÔNICO	ENFERMEIRA
PROFESSOR	ADMINISTRADORA	JORNALISTA	GEOFÍSICA

Para o jogo da memória, fizemos duas tabelas diferentes: uma com os nomes das profissões e outra com imagens correspondentes a essas profissões. Recortamos as imagens e as palavras e cada grupo ficou com um total de quarenta cartas. O jogo funcionou como um jogo da memória regular: eles precisavam achar a imagem e a palavra correspondente a ela. Para esse jogo escolhemos profissões de formação dos alunos e profissões que eles iriam conhecer e conviver no dia-a-dia deles, como: professor/professora, policial, enfermeiro/enfermeira, garçom/garçonete. Colocamos o feminino e masculino para eles saberem os dois.

Quadro 4: Imagens do Jogo da Memória



Quadro 5: Palavras do Jogo da Memória

MÉDICO MÉDICA	ENFERMEIRO ENFERMEIRA	ESTUDANTE	DENTISTA
AVIADOR AVIADORA	PROFESSOR PROFESSORA	JORNALISTA	PEDREIRO PEDREIRA
ARQUITETO ARQUITETA	GARÇOM GARÇONETE	DONA DE CASA DONO DE CASA	POLICIAL
VENDEDOR VENDEDORA	ENGENHEIRO ENGENHEIRA	ELETRICISTA	MOTORISTA
SECRETÁRIO SECRETÁRIA	COZINHEIRO COZINHEIRA	CAMELÔ	CABELEIREIRO CABELEIREIRA

Nos jogos aponto uma falha que tivemos. Poderíamos ter melhorado a dinâmica da língua portuguesa nos jogos colocando entre os grupos pessoas que falassem em português como língua nativa. O que acontece é que eles estavam em um grupo grande de pessoas que têm o espanhol como língua materna; então, o natural era eles falarem em espanhol por ser mais simples de produzir e de compreender. Eu e minha colega Priscilla intervíamos no grupo em alguns momentos para eles falarem em português, mas não era o suficiente. Ou poderíamos ter proposto um contrato pedagógico, que é quando o professor combina com a turma de, neste caso, só falarem português para palavras e expressões que eles já saibam e quem falar espanhol precisa fazer alguma coisa por exemplo: dar uma bala a um colega, ou guardar cinco centavos em um cofre para ser usado em alguma coisa para a turma depois.

Como citei anteriormente, “A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor” (BAKHTIN, 1995, p.8); ou seja, para eles se sentirem sujeito em língua portuguesa, eles precisariam “enviar” e “receber” mensagens em português. E nessa atividade eles interagiam em português, mas fazendo muitas interferências em espanhol. Se hoje, depois dessa experiência que tive, fizesse uma dinâmica assim, convidaria brasileiros (não necessariamente estudantes da área de língua) para participarem dos jogos, incentivando-os a falarem português.

Acredito que esses jogos foram muito úteis para o entrosamento da turma e para eles conhecerem as profissões em português. Eles conseguiam interagir usando as profissões de formação deles como, engenheiro, engenheira, aviador, arquiteto, jornalista, geofísica. No momento que eles conseguiam dizer “eu sou professor”, “eu sou engenheira”, isso lhes dava uma emancipação para também se colocar como sujeitos, pois agora eles conseguiam se identificar perante a profissão deles o que dava lhes um lugar de voz.

Quadro 6: Esquematização da aula 2

AULA 2- 19/05 - ESTÁGIO – MARIA CECÍLIA E PRISCILA			
ETAPA	PROCEDIMENTOS	TEMPO	MATERIAIS
Retomada da aula passada		10min	
Revisão com os jogos	Jogo 1 Jogo 2 Explicar os procedimentos de cada um	1h	Cartolina
Ficha	Preencher a ficha com os seus dados Listar perguntas para descobrir informações Preencher outra ficha com os dados dos colegas Resumir as informações para preparar as apresentações para os colegas	1h30min	Folha Impressa
Diálogo	Diferença dos diálogos entre interlocutores diferentes (ver características linguísticas e extra-linguísticas) Role-play por situação diferente por cada dupla	1h	Folha Impressa
Apresentação oral	Apresentação oral de cada um para finalizar a aprendizagem	30min	
Fechamento	Retomada do que foi aprendido, oralmente.		

5.3 DIÁLOGO FORMAL X DIÁLOGO INFORMAL

Usamos em algumas atividades a técnica de *role-play*, melhor explicada na seção 2.2 deste trabalho. Mas resumidamente é uma técnica muito usada no ensino de línguas por colocar os alunos em situação de uso, dando, por exemplo, uma situação específica para grupos ou duplas, e os alunos então criando e encenando diálogos a partir dessa situação.

Uma atividade de *role-play* que fizemos e que funcionou muito bem foi a que trabalhamos com “diálogo formal X diálogo informal”. Como eles tinham muitas dúvidas de cumprimentos em português com amigos e com colegas de trabalho ou chefe, ou até mesmo palavras que eles poderiam usar nas situações de trabalho, achamos importante trazer esse conteúdo e essa modalidade de exercício.

Primeiro demos alguns exemplos para eles de como seriam os diálogos formais e como seriam os informais em várias situações, projetando na parede branca o seguinte quadro:

Quadro 7: Exemplos de diálogo formal e informal

Diálogo Formal	Diálogo Informal
<p>Situação 1: você está se apresentando para a pessoa que vai te entrevistar para um novo emprego:</p> <ul style="list-style-type: none"> •Olá. Boa tarde! ▸ Boa tarde. Tudo bem? •Tudo e você? ▸ Tudo bem. •Meu nome é Carlos. Eu sou engenheiro de computação. Tenho 30 anos e gostei da vaga de emprego. ▸ Prazer, Carlos, sou a Ana. A empresa gostou do seu currículo. Vamos fazer uma entrevista? <p>Situação 2: você conhece um novo colega no trabalho:</p> <ul style="list-style-type: none"> •Olá! Bom dia! Meu nome é Cláudia. Sou administradora aqui na empresa. Como é seu nome? ▸ Bom dia! Sou o Antônio. Sou o novo secretário aqui na empresa. •Prazer em conhece-lo, Antônio. Até mais! ▸ Até mais, Cláudia. 	<p>Situação 1: você conhece um novo colega de trabalho em um restaurante:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Oi! Tudo bem! Sou o Carlos e trabalho na mesma empresa que você. ▸ Oi, Carlos, tudo bem? Sou novo na empresa, meu nome é José. • Tudo bem, José, e contigo? Vamos almoçar juntos hoje? ▸ Tudo bem comigo, também. Vamos lá! <p>Situação 2: você encontra um colega que você já conhece, no shopping:</p> <ul style="list-style-type: none"> • E aí, Roberto! Tudo certo? ▸ Tudo certo, Renan! E contigo? • Tudo bem, também! ▸ Hoje vou no cinema e tu? • Vim aqui só passear um pouco! ▸ Certo! Vou para o cinema. <p>Tchau!</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tchau, Roberto!

Lemos juntos o quadro e tiramos as dúvidas de vocabulário que eles tinham, analisamos os modos como cada um dos diálogos era conduzido, apontamos as diferenças entre os dois diálogos: por que o diálogo formal começa com “olá” enquanto o informal começa com “e aí?”, perguntamos sobre as diferenças de pergunta para saber como a pessoa estava, e sobre as diferenças de despedida nos diálogos.

Então partimos para o momento em que eles seriam os protagonistas: dividimos o grupo em duplas e cada dupla recebeu um pedaço de papel com uma situação diferente. As situações se repetiam, mas foi proposital para depois discutirmos do porquê das diferenças de cada dupla.

As situações foram: **Encontrar um amigo em um bar; Conhecer um novo colega no trabalho; Encontrar um colega de aula no cinema; Conhecer a pessoa que vai te entrevistar para um emprego; Conhecer o seu novo chefe.**

Em duplas, então, eles montaram pequenos diálogos com essas situações escrevendo nos cadernos, tiravam dúvidas referentes a vocabulário, depois eles treinavam as falas entre as duplas para depois apresentarem para os colegas. Após as apresentações nós debatemos as diferenças que tiveram, as escolhas de vocabulário para cada situação, as escolhas de cumprimento também. Foi interessante constatar como, na mesma situação, em duplas diferentes as escolhas linguísticas mudavam. Por exemplo: nas duplas que trabalharam situações de diálogo informal como “**Encontrar um amigo em um bar**”, a escolha de uma das duplas era começar o diálogo com “oi”, da outra dupla era começar o diálogo com “e aí?”.

A interação aqui foi eles conhecerem diálogos específicos em momento que podem acontecer com eles e, então, entre duplas, resolverem como fariam um diálogo desses para depois treinarem a pronúncia, além de conhecerem quais palavras usarem em tais contextos.

Essa atividade foi importante para eles aprenderem como se portar em uma entrevista em emprego ou no ambiente de trabalho deles. Existem diferenças de palavras a se usar em situações formais e situações informais e muitas vezes um estrangeiro não as reconhece.

Quadro 8: Esquematização da aula 3

AULA 3- 02/06 - ESTÁGIO – MARIA CECÍLIA E PRISCILA			
ETAPA	PROCEDIMENTOS	TEMPO	MATERIAIS
<p>Diálogo formal x Diálogo Informal</p> <p>Retomada com sistematização do modelo de apresentação pessoal. Apresentar-se para o colega em português.</p> <p>Retomada com o tema (do dia 26/05) e as dificuldades que porventura encontraram para realizar a tarefa e quais currículos consideraram adequados completos.</p>	<p>Diferença dos diálogos entre interlocutores diferentes (ver características linguísticas e extra-linguísticas)</p> <p>Role-play por situação diferente por cada dupla</p> <p>Oralmente, c</p> <p>conversaremos sobre a atividade.</p>	1 hora	Apresentação pessoal de cada alunos, quadro.
<p>Leitura e discussão do texto: ‘ Erros que comprometem o seu currículo’.</p> <p>Análise dos currículos</p>	<p>Dinâmica de análise do texto, em duplas os alunos receberão os 10 erros que não podem aparecer em currículos e terão que explicar para os colegas porque é um erro, e porque não podem aparecer em currículos.</p>	1hs	Os “erros” cortados para cada dupla, uma cópia do texto para cada aluno.
<p>Atividade de retomada do vocabulário sobre a temática Currículo e Entrevista de Emprego.</p>	<p>Dinâmica, cada aluno receberá 3 pedaços de papel, cada um terá que escrever uma palavra que aprendeu sobre a temática tratada e explicá-la para os colegas.</p>	1hs	Pedaços de papel.
<p>Formulação conjunta de critérios de avaliação de currículos - O que não posso colocar em meu currículo?</p>	<p>Em Powerpoint será apresentado aos alunos uma sistematização, do que não podemos colocar em um currículo, somado aos critérios levantados por eles durante aula, e no próprio momento da apresentação.</p>	20 minutos	PowerPoint, data show, quadro.
<p>Fechamento- O que aprendemos hoje?</p>	<p>Powerpoint.</p>	20minutos	

5.4 ANÁLISE DE CURRÍCULOS

Para chegarmos no objetivo de os alunos escreverem um currículo, eles tinham que antes conhecer como um currículo era estruturado, quais informações deveriam aparecer nos currículos e o que poderia ser inadequado para um currículo.

O primeiro passo foi a leitura do texto “Erros que comprometem o seu currículo” (este texto foi adaptado por nós e foi retirado do site <http://carreiras.empregos.com.br>). A interação começou quando dividimos o texto entre os alunos. O texto era constituído de dez erros ao todo. Então dividimos a turma em duplas e demos um erro para cada uma das duplas. A dupla deveria ler o erro, debater sobre o erro entre eles e depois abríamos para o grupo todo. Por fim, cada dupla deveria explicar este erro para o grupo.

Quadro 9: Texto "Erros que Comprometem o seu Currículo"

1. Falta de dados: Parece mentira, mas muitos recrutadores recebem currículos sem o nome do candidato. É um descuido grave, porque você pode deixar de ser contatado por um motivo óbvio. Em alguns casos, quando o candidato tem o perfil desejado e o endereço de e-mail dele é similar ao seu nome, o contato é realizado. Muitos esquecem ainda de informar dados essenciais como telefone e e-mail.

2. Candidatar-se à vaga diferente da formação ou do perfil: Isso acontece nos cadastros realizados nos sites de empregos. O candidato é analista de marketing, mas se inscreve para outras vagas como analista de comunicação ou de recursos humanos. Ele não é encontrado e perde oportunidades por causa desse equívoco.

3. Currículo incompleto: Também acontece no formato on-line, por descuido, pressa ou falta de atenção. Antes de preencher todas as páginas para finalizar o currículo, o candidato para de lançar seus dados em determinada página deixando-o incompleto.

4. Não informar os projetos universitários e os trabalhos voluntários: Essas informações são válidas principalmente para quem não tem - ou tem pouca - experiência. E podem fazer diferença na decisão final quando será determinado quem ficará com a vaga.

5. Currículo muito extenso: O ideal é que o currículo caiba em uma folha de papel sulfite, no máximo em duas. Para evitar excessos, você deve selecionar os itens mais importantes de sua vida profissional. Uma dica é informar apenas os cargos mais relevantes em sua carreira, dessa forma o recrutador vai entender que para chegar onde está atualmente você percorreu um trajeto, que poderá ser detalhado na entrevista.

Outra orientação é citar apenas a formação de nível mais alto, apesar de que, segundo Ana, muitas empresas valorizam o "Histórico Escolar" do candidato. Daí a importância de você conhecer a organização para qual vai enviar o currículo.

6. Erros de português: Tome como base seu corretor automático, mas não confie plenamente nele. Se houver dúvida, consulte uma pessoa para saná-la.

7. Redundância: Cada informação no currículo deve ser única. A redundância só se justifica se você tiver experiência em diversas companhias e atuou em atividades diferentes em cada uma delas. Lembre-se: o emprego mais recente vem primeiro e assim sucessivamente.

8. Despersonalização: As consultorias de recursos humanos vêm recebendo currículos de estética similares, como se todos os candidatos tivessem o mesmo estilo. Para Ana, o currículo deve ter os mesmos cuidados de um cartão de visita. O papel deve ser de qualidade; a diagramação deve parecer profissional.

9. Formatação rebuscada ou exagerada: Há candidatos que escolhem o tamanho de letra 20 para destacar o nome dele. Outros utilizam borda na página do currículo. Especialistas recomendam bom senso. Personalizar não significa transformar o currículo em um enfeite. Ele continua sendo um documento que diz muito sobre você.

10. Informar o e-mail corporativo: Esta é uma falha grave. Além de não conseguir a vaga que almeja, o candidato coloca em risco o emprego atual. Informe sempre o endereço de e-mail pessoal.

No momento de cada dupla explicar cada um dos erros, colocamos o texto todo projetado na tela branca para todo o grupo poder ler e, então, ouvir a explicação dos colegas. Nesse tipo de interação queríamos que eles lessem uma mensagem, conversassem com o colega de dupla para debaterem a respeito do que cada um entendeu dessa mensagem e, então, que eles desenvolvessem, em português, uma explicação com uma clareza para que seus colegas falantes de espanhol entendessem.

Estávamos aqui abrindo um espaço para eles se construírem como fonte de informação uns para os outros, dando uma autonomia para eles passarem uma mensagem que discutiram previamente e agora estavam abrindo para o grupo todo. Mais uma vez, retomo a passagem de Bakhtin que citei anteriormente na seção 4 e na sub-seção 5.2: a palavra funciona como uma ponte entre o locutor e o interlocutor, apoiando-se dos dois lados. Enquanto uma dupla dava a informação, o grupo todo a recebia e depois o grupo dava sua opinião para a dupla, se concordavam ou se tinham outra visão sobre aquilo.

Todos os momentos que abríamos um espaço e dávamos voz para eles era importante para eles se constituírem pela palavra e se entenderem como sujeitos do discurso. Foi uma forma saudável e enriquecedora de aprendizagem, não só para eles mas para mim, como professora. A todo momento percebíamos o quanto o aluno contribui no andamento de uma aula, o quanto ele auxilia para que um conteúdo seja desenvolvido.

Então, trouxemos para eles alguns currículos para analisarmos juntos. Trouxemos no total oito currículos (ANEXO 1) para serem analisados por eles em duplas e com a nossa ajuda. Demos para cada dupla dois currículos e uma tabela desenvolvida por nós com alguns aspectos que apareciam ou não nos currículos e eles precisavam dizer se aquela informação aparecia, se estava boa o suficiente ou se estava ruim, o que eles mudariam de acordo com cada uma das informações que apareciam.

Quadro 10: Tabela de avaliação dos currículos

CURRÍCULO	1	2
Dados Pessoais		
Idiomas		
Cursos		
Experiência		
Escolaridade		
Habilidades e Qualificação		
Capacitação Profissional		

A partir desse momento de reflexão das duplas, nós trazíamos a discussão e a avaliação para o grupo. Projetávamos esses currículos na parede branca, em frente aos alunos e discutíamos informações que apareciam neles, os alunos apresentavam as conclusões a que tinham chegado em cada um dos currículos e, então, ouvíamos a opinião do grupo todo sobre o currículo em questão.

Todo esse exercício foi importante para eles perceberem as informações e confirmarem a necessidade de discutirem entre eles em português (às vezes precisávamos intervir, pois eles falavam em espanhol; então, lembrávamos do “sempre em português”), de montarem uma opinião e expô-la na língua estrangeira que estavam aprendendo e para sanarem dúvidas que eles tinham, como:

- *em qual parte do currículo eu coloco que fiz um curso de inglês, coloco em “cursos” ou só coloco meu nível de fluência na parte de “idiomas”?*;
- *específico sobre bolsas de iniciação científica ou de pesquisa que tive na universidade ou só dou a informação da instituição e período?*;
- *falo detalhes dos meus empregos passados, como a função que desenvolvi ou espero para falar sobre isso na entrevista?*;
- *anexo meus diplomas ou só levo na entrevista?*

Apesar de eles já terem uma certa experiência em questões de currículo, pois, lá na Venezuela, eles trabalhavam, tendo noção do que era bom e do que não era bom de ser colocado em um documento como um currículo. Ao mesmo tempo eles estavam em outro país, com

outras culturas que, por muitas vezes, eles não conheciam e precisavam saber. Por isso não tinham certeza do que poderiam colocar e o que poderiam deixar de fora.

Esses exercícios de debates eram importantíssimos para eles colocarem a língua em uso. Alguns deles falavam que “a gente aprende mais quando conversa com brasileiros ao nosso redor”. Isso acontecia justamente por estarem colocando a língua em prática, usando tudo que aprendiam nas teorias da língua portuguesa. Na subseção 2.1 deste presente trabalho (p. 20) citei Rottava e Filipin a propósito de que a língua para o aprendiz está diretamente ligada ao uso que ele faz dela em situações sociais nas quais se encontra e “não apenas da língua mas de atividades práticas dos grupos sociais de que faz parte, apropriando-se da cultura intelectual” (2005, p. 16). Eles não estavam só trocando mensagens em português, mas se apropriando de informações dessa língua e de toda a bagagem cultural que vem junto com ela.

Depois de todos explicarem os “problemas para o currículo” que cada dupla pegou, e analisarem os currículos que levamos para eles, a turma e nós, professoras, montamos um tipo de “guia” ou um “quadro com regras” de características, informações e erros que não deveriam aparecer. Além de listarmos o que vimos com esse texto, abrimos espaço para eles falarem sobre características que eles achassem ruins que constassem em um currículo e, por toda essa análise, informações que eles achavam necessárias que aparecessem.

Nós começamos a análise apontando os erros (e por fim eles trouxeram para discussão os acertos também) para eles conseguirem estruturar o currículo com as informações positivas que eles viam e que eles “julgaram” como certas pela tabela de avaliação (Quadro 7).

Depois das discussões em grupo que tivemos e de interagirmos em sala de aula, o próximo passo das nossas atividades foi a de eles montarem um currículo. E essa tarefa deveria ser realizada como tarefa de casa, para eles poderem parar e também refletir sobre tudo que foi discutido e conversado sozinhos e para terem mais tempo para estruturarem. Eles ficaram livres também para nos enviarem por e-mail com dúvidas que eles tivessem durante a semana.

Essas tarefas que eram enviadas para casa muitas vezes não eram produzidas por eles trabalharem durante a semana toda e às vezes no final de semana, ou terem outros tipos de compromissos que demandavam muito tempo deles. Mas sempre insistíamos, mandávamos mensagem pelo WhatsApp (em um grupo que tínhamos) ou e-mails lembrando, por mais que fosse um esforço pesado, era importante para eles treinarem a fala e a escrita em casa também.

Na aula seguinte eles trouxeram o currículo pronto. Alguns alunos trouxeram dois currículos pelo fato de que um dos currículos foi feito com a intenção de encontrar um trabalho na sua área de formação e outro para outros tipos de vagas comerciais, pois o aluno ainda não tinha conseguido validar o seu diploma no Brasil. Exemplo: um aluno, que é advogado de

formação, fez um currículo para vaga na área de Ciências Jurídicas (escritórios) e fez outro currículo para trabalhar em telemarketing, ou como garçom, ou como vendedor em lojas. Eles sabiam que, para diferentes cargos em diferentes áreas, eles precisavam de diferentes currículos.

Com os currículos em mãos, fizemos uma dinâmica parecida com a que fizemos anteriormente com os currículos que nós levamos para eles: os colegas iriam avaliar os currículos deles. Pode parecer um pouco expositiva de um modo negativo essa dinâmica, mas para eles fazia sentido que os companheiros os ajudassem nessa saga de procurar um emprego ou de se elevar na carreira deles aqui no Brasil e anteriormente perguntamos se não teria problema fazermos a atividade desse modo.

Para a avaliação trabalhamos com uma tabela como a do Quadro 7. Eles já tinham domínio do que aparecia na tabela e sabiam se essas informações eram válidas. Em duplas eles pegaram dois currículos e fizeram a avaliação. O ponto principal que queríamos era que eles apontassem melhora no currículo dos colegas. Para ajudarem, de fato, na construção do documento.

Quadro 11: Exemplo de currículo escrito por um dos alunos

(as informações foram alteradas para proteger a identidade do aluno):

CURRICULUM VITAE

NOME: JUAN XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Data de Nascimento: 16/02/1986

Nacionalidade: Venezuelano

Estado Civil: Solteiro

Endereço: Rua Azul, 131, Bairro Amarelo, Porto Alegre

Telefone celular: (51) XXXXXXXXXX

Email: meuemail@gmail.com

CPF: xxx.xxx.xxx-2xx **PIS/PASEP:** xxx.xxxxx.xx-x

OBJETIVO PROFISSIONAL: *Emprego na área de produção, auxiliar de cozinha, garçom, auxiliar de produção, recepcionista, atendente, operador de caixa*

FORMAÇÃO ACADÊMICA:

- **Superior Completo.** Professor de Inglês e Espanhol

CURSOS:

- **Recepcionista** - Prefeitura de XXXXXXXXX Novembro 2017

IDIOMAS:

- **Espanhol Nativo**
- **Inglês Fluente**
- **Português Avançado**

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NO PAÍS:

- **2017.** Professor Particular de Espanhol e Inglês

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NO PAÍS DE ORIGEM:

- **2014-2016.** Bar Restaurante XXXXXXXXX
Cargo: Auxiliar de cozinha
- **2010-2014** Hotel XXXXXXXXX
Cargo: Recepcionista

Para exemplificar a atividade apresento o currículo produzido por um dos alunos que continha informações básicas pessoais e sobre a vida profissional dele. Os colegas apontaram algumas coisas nesse currículo como:

- Ser um currículo pequeno;
- Algumas informações estarem perdidas como: “**Superior Completo**. Professor de Inglês e Espanhol”, mas qual o curso de formação?;
- A informação de curso: “**Recepcionista** - Prefeitura de Canoas Novembro 2017” continha o local e a data sem divisão.

Eles davam essas dicas para os colegas para em um próximo momento, poderem estruturar melhor o currículo e conseguirem um emprego. E nas aulas seguintes ao vermos os currículos, eles realmente tinham mudado a partir dos apontamentos dos colegas. Foi excepcional como eles entraram nesse curso de coração e se ajudavam. Eles formaram um grupo unido, se davam força, se ajudavam a melhorar, se corrigiam quando preciso e, olhando de fora, eu percebia o quanto isso fez parte da interação. Eles estavam unidos por um objetivo em comum: fazer parte da interação em língua portuguesa e com isso estavam praticando a interação. Como falei anteriormente: a interação era o meio e o fim do nosso trabalho com aqueles alunos.

Caminhamos por uma longa estrada para conseguirmos chegar no momento de produção de um currículo escrito, precisávamos seguir outro caminho para fazermos um currículo em vídeo, que era outro dos objetivos que tínhamos com essa Oficina.

Seguimos praticamente o mesmo caminho (muito parecido), mas saliento aqui, como falei anteriormente nesta seção, estou explicando as atividades, falando sobre os erros e acertos, mas não necessariamente uma segue a outra de imediato. Entre o currículo escrito e o currículo em vídeo, seguiram-se duas aulas.

O primeiro passo com o currículo em vídeo foi conversar com eles sobre “o que eles sabiam sobre um currículo em vídeo”. Alguns ainda não conheciam, outros já tinham ouvido falar, mas voltado para áreas de comunicação como Jornalismo, Publicidade e Propaganda ou para áreas que precisassem lidar com o público como professores, por exemplo.

Assistimos a um vídeo que falava sobre como elaborar um vídeo currículo (<https://www.youtube.com/watch?v=aCVFGTKg8aM&feature=youtu.be>). Gostávamos de trabalhar com vídeo para saber como estava a compreensão auditiva deles. Com esse vídeo, tivemos um pouco de dificuldades pois a apresentadora falava rápido e com um sotaque que eles tiveram dificuldade de entender. Antes de assistirmos, fizemos uma pré-tarefa de falar sobre o que poderia ser um vídeo currículo e como poderia funcionar, cada um deu a sua opinião

para formarmos uma ideia do que poderia ser. Para que pudessem compreender, nós assistimos uma segunda vez parando em cada dica e conversando com eles sobre, perguntando o que entenderam e para eles explicarem, para o colega que não entendeu, o que estava acontecendo no vídeo.

Discutimos então duas questões que apareciam no vídeo:

1. Quais áreas utilizam o vídeo currículo como ferramenta de seleção de profissionais?

2. Segundo a autora, o que era preciso cuidar na hora de construir um currículo?

Esses momentos de discussão que tínhamos, fossem eles na parte de leitura, escrita, compreensão, eram imprescindíveis para essa metodologia de interação que escolhemos trabalhar. Eram nesses momentos que a “ponte” da linguagem, tão mencionada por Bakhtin, acontecia. Era importante eles falarem, treinarem, corrigir-se e tentar novamente.

Seguindo o exercício, assim como para o currículo impresso, também lemos um texto sobre erros que prejudicam um currículo em vídeo. Então trabalhamos com o texto “Seis erros que matam um currículo em vídeo”. O texto foi extraído e adaptado por nós, do site: <https://exame.abril.com.br/carreira/6-erros-que-matam-um-curriculo-em-video/>.

Escolhemos trabalhar com a mesma dinâmica de leitura que fizemos quando trabalhamos o currículo e vídeo: dividimos em duplas, eles leram, debateram entre as duplas e depois abriram para a turma toda. Essa atividade foi mais rápida do que a atividade do currículo impresso pois nessa aula sobre o currículo em vídeo o português deles já estava mais avançado, eles conseguiam produzir diálogos em português muito mais rápido do que nas aulas anteriores, por isso, as discussões e exposições para o grupo todo foram mais rápidas.

Alguns “erros” que apareciam no texto, foram de grande ajuda para eles no momento de estruturar um currículo em vídeo, como:

- ***Ler o currículo em frente à câmera***

“Ler o que está escrito no currículo em papel, falando as data e cargos ocupados, fica péssimo”, diz Guimarães. Transpor as informações impressas no currículo em papel para vídeo é uma das piores coisas que um candidato pode fazer.

“O objetivo do vídeo é engrandecer a sua apresentação mostrando no que é competente e deixar também transparecer traços da personalidade, trazendo dados criativos e

até um pouco de humor, resguardando o aspecto profissional”, diz Thirza. Deixe datas e descrição dos cargos para o documento em papel.

Eles achavam que talvez pudessem apenas ler o currículo escrito deles para fazer o currículo em vídeo. Uma das questões que um aluno trouxe foi a de que: um currículo em vídeo é o currículo impresso, mas falado? Debates sobre isso com eles, levando em conta essa informação que o texto trouxe e juntos eles chegaram à conclusão que não, não é. Então definimos que deve conter informações pessoais, de formação e de carreira, mas deve ser executado de uma outra maneira.

Discutimos bastante também esse erro:

- ***Não atentar para qualidade técnica da gravação***

A falta de qualidade técnica pode transformar o vídeo em motivo de piada. Problemas na luz, na captação do som e da imagem e erros de edição são matadores. “O ideal é que a pessoa efetivamente conheça as ferramentas para que a edição de qualidade mostre o profissionalismo”, explica Thirza.

Para não correr este risco, quem não está familiarizado com plataformas de vídeo deve procurar uma pessoa que possa ajudá-lo. “É buscar alguém que garanta que esse vídeo vai cumprir o seu propósito”, recomenda a coach.

Guimarães ressalta que o candidato deve seguir um roteiro na hora de encarar a câmera. “Tem que ser objetivo, do contrário, fica tudo muito confuso”, diz o professor. O tom de voz e a postura também podem fazer com que a pessoa ganhe ou perca pontos. “Uma voz mais grave dá mais credibilidade, é preciso fazer a imitação da voz, sem deixar que fique forçado”, recomenda.

Eles tinham dúvidas na questão da câmera e áudio. Todos tinham celulares com câmera e os aconselhamos a gravarem os vídeos em casa, em algum horário de pouco movimento na rua, um momento em que não tivesse barulho de outras pessoas e que gravassem em um local iluminado, sem ecos e um local organizado na casa.

Depois, assistimos dois currículos em vídeo, retirados do site Youtube. Os dois vídeos são bem diferentes, mas seguem alguns padrões. E para eles avaliarem melhor os erros e acertos, fizemos a mesma dinâmica das tabelas, mas, dessa vez, como eram apenas dois vídeos, entregamos duas tabelas para cada um dos alunos.

Selecionamos os seguintes vídeos:

- “Meu currículo – Engenharia”:

(<https://www.youtube.com/watch?v=t3zDwjmOkEw&feature=youtu.be>);

- “Luciana_Magalhães_Vídeo Currículo (VC)”

(<https://www.youtube.com/watch?v=xmuBthX9wMI&feature=youtu.be>)

Depois de assistirmos uma vez, e eles entenderem sobre o que era o vídeo, assistimos mais uma vez para eles perceberem algumas palavras que não houvessem entendido.

Cada aluno ganhou duas tabelas de avaliação: uma continha perguntas pessoais sobre as mulheres em cada vídeo e a outra era sobre aspectos extralinguísticos. Então, foi o momento de avaliarem os vídeos com mais calma. Para isso pausávamos o vídeo em cada informação importante que aparecia na tabela.

Quadro 12: Tabela de informações pessoais

Qual é a formação da Luciana?	
Quais foram as experiências dela?	
O que você acha que poderia melhorar no vídeo?	

Quadro 13: Tabela com informações extralinguísticas inspirada em Neves e Schneuwly e Dolz

Vídeo 1	SIM	NÃO	JUSTIFIQUE
O volume da voz de Tamires está adequado?			
Os gestos dela estão harmonizados?			
A postura dela está adequada?			
Há muitas pausas em sua fala?			
O tempo do vídeo está adequado?			
A qualidade técnica do vídeo está boa?			
As informações apresentadas estão adequadas?			
A roupa da candidata está adequada?			
Outras observações:			

Mostrávamos, por essa tabela, que o importante não era só falarmos em português, mas a postura que temos, a roupa que vestimos, os nossos gestos e como isso é importante na interação. Em um momento de interação com outro indivíduo, muitas características nossas são levadas em conta: estamos relaxados ou tensos?; estamos com cara de interesse ou parece que não estamos prestando atenção em quem está passando a mensagem para nós?; qual é a entonação da nossa voz naquele determinado momento e naquela situação de interação?

Várias questões são levadas em conta, em cada situação que nos constituímos como sujeitos. Eles estavam sendo colocados em uma situação específica em que precisavam produzir um discurso em um ambiente de mercado de trabalho. Para isso, além das palavras, precisavam construir-se no aspecto físico também, sendo sujeitos da língua portuguesa.

Assim como no currículo impresso, o próximo passo foi a construção do vídeo currículo, começamos fazendo um roteiro para a filmagem. Assim como qualquer produção audiovisual, o currículo em vídeo precisava ter um roteiro prévio. Começamos em aula, usamos o currículo impresso como base de dados que iriam aparecer no vídeo, e, a partir disso, eles desenvolveram um currículo em vídeo.

Com isso eles seguiram as filmagens: elas foram produzidas por eles ou por um terceiro, em um ambiente que eles julgassem bom para esse tipo de trabalho. Eles tiveram uma semana para fazer esse material e mandariam dúvidas por e-mail se precisassem.

Curiosamente, vimos o resultado desse trabalho deles apenas na última aula. Fizemos uma aula de despedida e, antes de acabarmos o curso, assistimos e analisamos esses currículos. Nem todos os alunos produziram, alguns enviaram depois para nós analisarmos. Mas os que enviaram foram analisados em aula pelos colegas (assim como fizemos com o currículo impresso). Nessa última aula nosso professor orientador Arcanjo Pedro Briggmann participou da confraternização com os alunos e assistiu aos vídeos e às avaliações dos colegas. Para as avaliações também usamos a tabela usada nas avaliações dos vídeos anteriores (Quadro 9 e Quadro 10).

Essas duas atividades diretamente ligadas ao currículo foram as que mais levaram tempo de aula, mas eram duas atividades muito significativas, pois elas eram as duas atividades que estruturaram todo o objetivo do curso que era voltado para o mercado de trabalho.

Elas foram significativas também, pois, além disso, por causa delas houve muitos momentos de debates entre os alunos e conosco. Momentos em que fizemos uma troca, momentos de eles constituírem-se como sujeitos pela língua. Durante esses debates que se estenderam durante toda a Oficina a gente conseguia perceber o quanto eles evoluíam no uso da língua. Uma das alunas que recém tinha chegado ao Brasil (menos de um mês antes de começarmos as aulas) e não falava nada em português, já conseguia falar algumas expressões, conseguia se corrigir quando errava alguma coisa. Ela criava ali a autonomia que precisava para viver na sociedade ao redor dela e isso era o mais importante de tudo para nós.

Quadro 14: Esquematização da aula 5

AULA 5- 16/06 - ESTÁGIO – MARIA CECÍLIA E PRISCILA			
ETAPA	PROCEDIMENTOS	TEMPO	MATERIAIS
Retomada das apresentações pessoais.	Os alunos que não apresentaram na aula passada irão apresentar.	30min	Apresentação oral
Atividade de análise dos currículos.	Os currículos produzidos pelos alunos serão avaliados por eles mesmos, cada aluno ficará com o currículo de seu colega e irá o avaliar.	30min	
Vídeo currículo	Pré- tarefa: Definição do que é um vídeo currículo. Tarefa de leitura: Os erros que matam um currículo em vídeo. Análise de vídeos currículos com tabela.	2hs	
Vídeo currículo	Sistematização sobre o que é preciso ter em um bom currículo em vídeo. Atividade/texto sobre erros nos currículos. Gramática: Presente do indicativo x pretérito perfeito (trabalhar, fazer, realizar, ir, vir)	30min	Folha A4 Ppt, quadro branco
Jogo	Prática oralidade: Atividade de transcrição fonética. joguinho – Trava-língua. Cada aluno irá escolher um trava-língua para apresentar para os colegas, terão um tempo para treinar e praticar o seu trava-língua. As professoras explorarão os recursos da pausa, velocidade da fala e clareza através do jogo. Discussão [pausas, pronúncia, velocidade da fala, conteúdo apresentado]		
Fechamento- O que aprendemos hoje?	No quadro	20minutos	

5.5 FIXAÇÃO DA GRAMÁTICA

Sabemos que ao ensinar uma língua precisamos trabalhar com a parte da teorização, da sua estrutura e da gramática. Na nossa Oficina detectamos que os alunos não sabiam muitos dos tempos verbais básicos, como: presente e pretérito perfeito. E era importante que eles soubessem esses tempos verbais pela temática da Oficina. Eles precisavam falar coisas como “trabalhei”, e precisavam se expressar no presente também. Claro que eles precisavam dessas estruturas para o seu dia-a-dia também.

Começamos essas atividades de tempos verbais a partir do currículo em vídeo, depois de assistirmos os dois currículos em vídeo que eles analisaram, nós colocamos algumas questões no material para eles refletirem sobre os verbos:

- **Quais tempos verbais estão presentes nos vídeos? Cite alguns.**
- **Por que você acha que esse tempo está presente?**

Fomos para o quadro e contrastamos esses verbos e tempos verbais com os do espanhol e notamos então algumas diferenças e semelhanças. E eles começaram a identificar padrões que poderiam ajuda-los com outros verbos.

De tarefa de casa pedimos para eles completarem uma tabela e alguns exercícios de fixação para memorizarem bem as estruturas dos tempos. Sei que todo nosso trabalho foi baseado em interação, mas, nesse momento, para chegarmos na interação, precisávamos que eles fixassem as formas, para isso utilizamos esse tipo de exercício.

Primeiro mostramos uma tabela de contraste entre os tempos Presente e Pretérito Perfeito, para eles verem como funciona cada uma das estruturas que iríamos praticar depois. Então, demos para eles uma série de exercícios de fixação.

É importante atentar para duas coisas: 1) os exercícios: os exercícios de Presente estão separados dos de Pretérito Perfeito, pois em um primeiro exercício talvez fosse difícil para eles identificarem os diferentes tempos verbais em frases misturadas, por isso a separação; 2) a participação do “a gente” na conjugação – eles sempre pediam como fazíamos para conjugar o verbo no “a gente” em português” e como muitas vezes eles não sabiam como usar o “a gente”, para isso esse destaque que fizemos na tabela de contraste.

Quadro 15: Contraste entre Presente e Pretérito Perfeito

Trabalhar	Fazer
<p>Presente</p> <p>eu trabalh<u>o</u> tu trabalh<u>as</u> ele/ela trabalh<u>a</u> nós trabalh<u>amos</u> vós trabalh<u>ais</u> eles/elas trabalh<u>am</u> a gente trabalh<u>a</u></p>	<p>Presente</p> <p>eu <u>faço</u> tu <u>fazes</u> ele/ela <u>faz</u> nós <u>fazemos</u> vós <u>fazeis</u> eles/elas <u>fazem</u> a gente _____</p>
<p>Pretérito perfeito</p> <p>eu trabalh<u>ei</u> tu trabalh<u>aste</u> ele/ela trabalh<u>ou</u> nós trabalh<u>amos</u> vós trabalh<u>astes</u> eles/elas trabalh<u>aram</u> a gente _____</p>	<p>Pretérito perfeito</p> <p>eu fiz tu <u>fizeste</u> ele/ela <u>fez</u> nós <u>fizemos</u> vós <u>fizestes</u> eles/elas <u>fizeram</u> a gente _____</p>

Quadro 16: Exercícios de Fixação de Presente e Pretérito Perfeito

FAZER EXERCÍCIOS VERBAIS

Pretérito

- 1) Reinaldo _____ (trabalhar) durante dois anos como piloto.
- 2) Oscar e Virgínia _____ (trabalharam) na Venezuela como professor e enfermeira.
- 3) Fernando _____ (trabalhar) como professor de inglês na Venezuela.
- 4) Kátiusca _____ (trabalhar) durante cinco anos na empresa da família.
- 5) Nóri e eu _____ (trabalhar) durante quatro anos em uma empresa de engenharia.
- 6) Eu _____ (trabalhar) como engenheiro por cinco anos na Venezuela.
- 7) Eu _____ (trabalhar) no governo por dez anos.
- 8) Eu _____ (estudar) Engenharia Elétrica.
- 9) Montserrat _____ (estudar) Jornalismo.
- 10) A gente _____ (fazer) a mala para viajar.
- 11) Elas _____ (fazer) as compras hoje.
- 12) Eu _____ (fazer) o almoço ontem.
- 13) Nós _____ (fazer) churrasco no domingo.
- 14) Fernando _____ (fazer) toda a prova sozinho.
- 15) Monserrat e Yesika _____ (fazer) um bolo para nós.
- 16) A turma _____ (fazer) toda a tarefa de casa.
- 17) Eu _____ (fazer) faculdade de Engenharia.
- 18) Tu _____ (fazer) as coisas que eu pedi?

Presente

- 1) Eu _____ (trabalhar) em uma empresa de elevadores.
- 2) Nós _____ (trabalhar) juntos na mesma empresa.
- 3) Virginia e Yesika _____ (trabalhar) juntas na mesma empresa.
- 4) A gente _____ (trabalhar) nessa escola há cinco anos.
- 5) Reinaldo e Carlos _____ (trabalhar) no projeto com nós.
- 6) Sara _____ (trabalhar) muito todos os dias.
- 7) Eu e meus colegas _____ (trabalhar) duro para essa aula.
- 8) Eu _____ (trabalhar) como professora.
- 9) Eles todos _____ (trabalhar) juntos.
- 10) Eles _____ (fazer) exercícios todas as manhãs.
- 11) Nós _____ (fazer) uma janta muito deliciosa.
- 12) Noris _____ (fazer) comidas deliciosas todos os dias.
- 13) Eu _____ (fazer) uma tarefa de casa por dia
- 14) Eu e meus colegas _____ (fazer) aula no sábado de manhã.
- 15) Oscar _____ (fazer) o seu trabalho diariamente.

Nos exercícios do quadro 12 usamos os nomes dos próprios alunos, pois, isso faz com que eles tenham mais interesse em ler toda a frase do exercício.

A partir desses exercícios de fixação, depois que eles já conheciam as formas e como usar esses tempos verbais, partimos para as atividades de interação de *role-play* (a abordagem já foi explicada em outras seções e na subseção 5.3 vista há pouco).

Repartimos a turma em várias duplas e cada dupla recebeu um personagem fictício. Esses personagens se repetiam, eram ao todo cinco personagens montados por mim e pela minha colega Priscilla.

Todos os personagens tinham características como: nome; formação; carreira de trabalho. As duplas precisavam analisar o perfil que ganhou e escrever um pequeno texto, como se fosse um texto de apresentação para o seu personagem. Teriam que aparecer no texto as informações que estavam na ficha e outras mais que eles poderiam inventar e adicionar.

Mais uma vez monitorávamos as duplas de perto para sabermos se estavam ou não produzindo as conversas em português e sempre chamávamos atenção caso eles não estivessem.

Depois de escreverem as especificações de cada perfil, eles precisavam apresentar essa pessoa para a turma. O instinto deles foi em um primeiro momento escreverem o texto na primeira pessoa do singular “eu trabalhei”, “eu moro”; mas na hora da apresentação ele tinham que apresentar esse personagem na terceira pessoa do singular “ela trabalhou”, “ela mora”. No começo eles ficaram apreensivos com o que foi pedido por nós, mas tiveram poucas dificuldades na hora da apresentação.

Trabalhar em duplas era muito produtivo pois muitas vezes, quando se trabalha em uma aula de língua, algumas questões que são levantadas pelo colega X nem são imaginadas pelo colega Y, mas o ajuda em resoluções de problemas da língua. Por isso também a importância da interação na aula de língua.

Apesar de o modo de trabalho com exercício de fixação ser muitas vezes criticado e também pode se levantar a hipótese de que “estávamos trabalhando com interação e esse tipo de atividade não é interativo”, ele foi um meio que encontramos para haver a parte da interação e foi efetivo nesse caso. No momento da interação, os alunos já tinham domínio das formas e dos usos.

Acredito que todos os exercícios que foram expostos e explanados aqui servem como um bom exemplo de exercício para uso da interação em sala de aula. Todos eles de uma forma ou outra funcionaram. A única sinalização que faço é a que fiz na seção 5.2 *Jogos*, é importante que em uma sala de aula de PLA onde os alunos tenham uma língua irmã como língua materna,

haja um controle grande nas atividades de jogos ou de debates em duplas para a gente sempre ter certeza que eles estão produzindo em português, para usarem a língua.

Quadro 17: Esquematização da aula 6

AULA 6- 23/06 - ESTÁGIO – MARIA CECÍLIA E PRISCILA			
ETAPA	PROCEDIMENTOS	TEMPO	MATERIAIS
Correção do material levado para casa: atividades de vídeo, recursos linguísticos. Atividade fonética	Retomamos o que foi visto e corrigimos com os alunos, perguntando as respostas para ele.	1hora	
Atividade dos verbos Apresentação dos personagens Jogo 3 verdades e uma mentira, sobre o mundo trabalho.	Contraste indicativo x pretérito Cada dupla apresentará um personagem para os colegas.	40min	
Retomada do roteiro e orientações para a gravação do vídeo currículo	Retomada do roteiro e orientações para a gravação do vídeo currículo	30min	
	Intervalo	15min	
Ensaio para a gravação do currículo em vídeo	Cada aluno vai ensaiar seu roteiro do currículo em vídeo para os colegas e as professoras avaliarem.	1h30m	
Retomada do curso Email para empresa.	No quadro, junto com os alunos, vamos listar coisas que eles lembram e aprenderam durante nosso curso.	30min	
Fechamento- O que aprendemos hoje?	No quadro autoavaliação	20minutos	

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho representa meu esforço para sistematizar uma análise e reflexão de uma atividade de ensino de língua portuguesa como língua adicional para estrangeiros em situação de refúgio aqui no Brasil

Essa atividade de ensino foi revestida de algumas peculiaridades que são relatadas neste TCC, a começar pelo fato de ser minha primeira experiência de ensino como professora em português como língua adicional para refugiados e, também, minha primeira vez elaborando materiais em PLA. Toda essa experiência tratava-se de algo que, de certa forma, era inesperado, era um novo mundo para mim. Mas que, ao mesmo tempo, era uma situação instigante e desafiadora, que eu e minha colega Priscilla resolvemos enfrentar. Afinal, o que é a profissão de professor senão uma profissão que nos desafia a cada momento?

Posso dizer que a experiência de ensino que tivemos e a reflexão realizada por mim sobre essa prática bem como o exercício de organização do que aprendi foram extremamente formadores de mim como profissional. Um momento especial e, sem dúvida, marcante na minha carreira de professora. Meu batismo docente.

Neste trabalho aprendi como se traça um caminho da teoria que aprendemos e compartilhamos na universidade até a prática da sala de aula. Descobri que a prática sempre é prática de algo. E, quando não possuímos de forma organizada e consciente uma teoria, acabamos fazendo apenas a prática de intuições, de crenças quando não de credences ou de senso comum. Por outro lado, também descobri a pouca serventia que tem saber a teoria e não aplicá-la para conferir se ela é realmente efetiva.

Enfim, foram surpresas, descobertas, espantos e aprendizagens, tudo em tão pouco tempo de faculdade, que precisavam ser analisados, digeridos, refletidos, apropriados e organizados.

Daí a ideia do TCC. Uma forma de registro, de resgate de momentos de experiência de ensino e de aprendizagem. Era a forma de organizar todas as ideias que nele foram colocadas e para eternizar essa experiência que foi tão significativa. E, além de ser um documento de registro para mim, que ele fosse uma ferramenta para outras pessoas que estão no processo de formação de professores de língua portuguesa.

O campo de PLA aqui o Brasil ainda é, de certa forma, uma experiência incipiente no mundo acadêmico. Sinto que nos ressentimentos de mais experimentos e de estudos de ensino e aprendizagem nessa área, assim como de relatos de experiências com metodologias,

estratégias e materiais usados e a serem usados em ensino do PLA. Enfim, precisamos de mais escritos na área não só de PLA, mas, também, especificamente de PLA aplicada a alunos refugiados, que é uma realidade que está crescendo no nosso país.

É por ter ciência das lacunas deste meu trabalho, que desejo retomá-lo em futuros momentos da minha jornada como professora para retomar, ampliar e aprofundar sua temática. Mas, no momento, compreendo e me resigno às limitações que um Trabalho de Conclusão de Curso impõe. Sei que ele terá continuidade e será complementado com mais anos de pesquisa e de aplicação de novos saberes.

Espero que as pesquisas e as publicações na área de PLA para refugiados só cresçam aqui no Brasil. E que o mesmo aconteça com as práticas nessa área. Temos muitos professores de língua portuguesa em formação e com vontade de trabalhar com essa modalidade de ensino. Anseio que as universidades públicas continuem voltada ao estudo desse campo e dele podendo ser eu uma participante.

7 BIBLIOGRAFIA

ACNUR, Agência da ONU para Refugiados. **“De 10,1 mil refugiados, apenas 5,1 mil continuam com registro ativo no Brasil”**. 2018. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/2018/04/11/de-101-mil-refugiados-apenas-51-mil-continuam-no-brasil/>>. Acesso em: 10/10/2018.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e a Filosofia da Linguagem**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. 4. ed. Campinas, Sp: Pontes, 1995.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. 2. ed. Campinas, Sp: Pontes, 2006.

CARVALHO, Ana Maria. Português para falantes de espanhol: Perspectivas de um campo de pesquisa. **Hispania**, Birmingham, v. 85, n. 3, p.597-608, set. 2002. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/4141149.pdf?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 4 out. 2018.

DELFIN, Rodrigo Borges. **“Cresce número de universidades públicas com acesso para migrantes e refugiados no Brasil”**. 2017. Disponível em <<https://migramundo.com/cresce-numero-de-universidades-publicas-que-ofertam-acesso-para-migrantes-e-refugiados-no-brasil/>>. Acesso em: 07/11/2018.

FIGUEIRÊDO, Maria do Amparo Caetano de et al. Metodologia de Oficina Pedagógica: Uma Experiência de Extensão com Crianças e Adolescentes. **Revista Eletrônica Extensão Cidadã**, João Pessoa, Paraíba, v. 2, p.1-12, 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/extensaocidadada/article/view/1349>>. Acesso em: 22 out. 2018.

GARCEZ, P.M.; SCHLATTER, M. Línguas Adicionais (Espanhol e Inglês). In: Referenciais Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Secretaria de Estado da Educação. Porto Alegre: SE/DP, 2009. P. 127-172.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HARTWIG, Fátima Bandeira. A Importância do Português como Língua de Acolhimentos na Integração de Alunos Imigrantes e Refugiados no Instituto Federal de Brasília - IFB. **Revista Uiiips**, Santarém - Portugal, v. 5, n. 3, p.215-226. 2007.

NEVES, Caroline Scheuer. **Práticas do Discurso Oral: Uma Proposta de Ensino de Gêneros Oraís em Português como Língua Adicional**. 2012. 86 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

MEC, Ministério da Educação. **“Revalidação de Diplomas”**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/revalidacao-de-diplomas>>. Acesso em: 07/11/2018.

OLIVEIRA, Bruna Souza de. **Construindo o Ensino de Português como Língua de Acolhimento: Uma Análise da Apostila Didática Pode Entrar**. 2017. 67 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

PEDROSO, Renata Citadin. **O Ensino da Oralidade em um Projeto de Aprendizagem de Português Desenvolvido por Hispanofalantes**. 2016. 65 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

ROSA, Daniel Christian de Oliveira. **Role-play: o ponto de vista de alunos de língua estrangeira**. 2008. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

ROTTAVA, Lucia. Português como língua terceira (L3) ou língua estrangeira (LE) adicional: a voz do aprendiz indicando identidade. **Em Aberto**, Brasília, v. 22, n. 81, p.81-98, ago. 2009. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/issue/view/244>>. Acesso em: 10 out. 2018.

ROTTAVA, Lucia; SILVA, Antônio Márcio da. Beliefs about Learning Portuguese as a Foreign Language: Multilingual Context. **Organização Novas Perspectivas em Linguística Aplicada**, Campinas, Sp, v. 10, p.153-175. 2011.

ROTTAVA, Lucia; FELIPIN, Andressa Portella. Relacionando as crenças de professores e de aprendizes à interação. **Revista do Isat**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 5, p.15-38, 2º semestre de 2005. Semestral.

8 ANEXOS

8.1 ANEXO 1: CURRÍCULOS QUE FORAM AVALIADOS PELOS ALUNOS

João Roberto Fagundes da Silva

Estado Civil: Solteiro
Data de nascimento: 30/08/1975
Sexo: Masculino
Tipo Sanguíneo: A
Fator RH: +
Endereço: Rua Augusta, Nº 224
Cep: 99418-510
Cidade: Bagé-RS
Bairro: Jardim do castelo
Telefone: (53) 8088-8888
Celular: (53) 8088-8888
Email: portalterra@hotmail.com
Filiação: João Mendes da Silva e Joana Fagundes da Silva

Interesses Pessoais:

Artes, Esportes, Fotografia, Internet, Música, Jogos de xadrez e Leitura.

Objetivo:

Auditoria, Setor Financeiro, Setor Administrativo, Vendedor

Formação Acadêmica:

Superior Completo – Bacharel em Ciências Contábeis pela URCAMP – Turma 2003
Especialização: Auditoria Contábil, pela URCAMP – Turma 2005

Experiência Profissional:

(2002-2004) - Gerente - Loja Macro Brasil (2004-2006) Tesoureiro – Clube Comercial
(2006-2008) – Fiscal de caixa – Super Mercado do Povo

Qualificações e Atividades Complementares:

Liderança e Mediação de Conflitos, Técnicas Administrativas, Negociação em Vendas,
Infomática Avançada (Powerpoint- word avançado- excel avançado)

Infomações Adicionais:

Disponibilidade para mudança de cidade ou estado.
Disponibilidade para mudança de cidade ou país.

Bagé 17 de Janeiro de 2010

DANIELLI SALES RODRIGUÊS

Rua: XXXXXXXXXXXXX - Nº: XXX – Retiro - XXXXXXXXX

Telefone Residencial: (0xx24) XXXXXXXX

Telefone Celular: (0xx24) XXXXXXXXXXXX

E-mail: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX**RESUMO DE QUALIFICAÇÕES**

- Licenciatura Plena em Estudos Sociais
- Experiência como Instrutora de Informática
- Experiência como Secretária
- Conhecimento Básico em Inglês
- Cursando Espanhol
- Conhecimento em Montagem e Manutenção de Computador
- Instalação de Software e Domínio em Informática
- Vivência em Trabalho em Equipe
- Serviços Voluntários
- Formação Humana
- Recursos Humanos

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

- **ASSOCIAÇÃO PROMOCIONAL – “ENTRE NÓS” – APEN**
De 16 de Março de 1998 até a Data Presente.
 - Instrutora de Informática do Pacote Office, Access, Internet
 - Instrutora da Linguagem de Programação em FrontPage e HTML
 - Instrutora do Programa 5 “S”
- **FERP JÚNIOR CONSULTORIA**
De 31 de Outubro de 2005 a 09 de Fevereiro de 2006.
 - Secretária Administrativa
 - Organização de pastas no arquivo
 - Verificação de toda a documentação da empresa incluindo a digitação das atas, contratos, ofícios, memorandos e boletins informativos
 - Análise de currículos e seleção dos futuros estagiários e capacitação de vagas de estágio das empresas da região Sul Fluminense
- **XEROX DO BRASIL LTDA**
De 05 de Junho de 1997 a 05 de Março de 1998.
 - Secretária Executiva:
 - Responsável por diversas tarefas administrativas
 - Operava o PABX
 - Atendia ao telefone, filtrava e passava os telefonemas
 - Marcava e preparava reuniões e entrevistas
 - Contactava os clientes
 - Organizava e mantia diversos ficheiros e dossiers, e processamento de textos
 - Verificava a documentação dos clientes para enviar os contratos para o Rio de Janeiro
 - Fazia o despacho das correspondências
 - Fazia *tradução* dos folhetos das máquinas
 - Operava máquina de Fotocópia

ESTÁGIO

- **COLÉGIO PROFESSORA THEMIS DE ALMEIDA VIEIRA – FEVRE**
De 25 de Agosto de 2003 a 26 de Novembro de 2003.
De 16 de Maio de 2002 a 05 de Agosto de 2002.
Escola do Ensino Fundamental e Médio.
 - Estagiei na Disciplina de História, observando e auxiliando a professora com o conteúdo dado durante o período de aula com turmas do Ensino Fundamental e Médio.

FORMAÇÃO ACADÊMICA

- **Extensão em Direitos Humanos e Mediação de Conflitos – 2009 (EAD)**
Módulos: Direitos Humanos e Conflitos; Violência e Não-Violência nos Direitos Humanos; Direito à Vida, Direito à Saúde e Direito à Alimentação Adequada; Direito à Moradia, Direito à Terra e Direito à Cidade; Direito à Educação, Direito ao Trabalho e à Seguridade Social; Formas Não-Violentas de Resolução de Conflitos; Inserindo na Luta a Não-Violência Ativa; Mediação Passo-a-Passo; Experiências de Mediação Popular no Brasil; Solidários na Diversidade e Iguais no Acesso à Justiça.
ITS BRASIL – Instituto de Tecnologia Social do Brasil

ROJAS ALVARADO, Daniza Victoria

Av. Ejercito nº 1445 - Cercado

(052) – 952875566 / 243271

DNI: 45507972

daniza_tk_119@hotmail.com

11/09/1988, 22 años, Tacna - Perú



Estudiante de IX ciclo de la Universidad Privada de Tacna, en la Escuela Profesional de Ingeniería Civil, con conocimiento en Autocad, y experiencia en elaboración de PIP Menor.

Educación**UNIVERSIDAD PRIVADA DE TACNA**

Estudios en la Escuela Profesional de Ciencias Contables y Financieras de I-V ciclo.

INSTITUCION EDUCATIVA FRANCISCO ANTONIO DE ZELA - Tacna

Estudios Secundarios

COLEGIO EDUCATIVO REPUBLICA ARGENTINA - Tacna

Estudios Primarios

EXPERIENCIA LABORAL**OBRA: "MEJORAMIENTO DEL SEVICIO EDUCATIVO DE LA I.E LASTENIA REJAS DE CATAÑON"***Practicante ad honorem*

MAY 2010 – AGOS 2010

LEO CONSULTORES EIRL - Tacna

NOV 2009 // MAR–MAY 2009

Practicante

PIP Menor: "Evaluación de Pistas y veredas de la Asoc. de Viv. Nuevo Hogar"- Tacna

PIP Menor: "Construcción e implementación del CETPRO Jorge Chávez - Tacna"

PIP Menor: "Evaluación de Pistas y veredas de la Asoc. de Viv. Los Pinos"- Tacna

CONSULTORIO TRIBUTARISTA Y CONTABLE - TACNA

ENE 2007

*Practicante ad honorem**Desarrollo del área contable***RV CONSULTORIO CONTABLE EIRL – TACNA**

SEPT-NOV 2006

*Practicante**Desarrollo del área contable***SEMINARIOS – FORUM – CONFERENCIAS – CONGRESOS**

Simposio Internacional Perú - Japón: EN INGENIERIA SISMICA.
Febrero 7 del 2011.

Curso: "DISEÑO DE CONCRETO EN OBRAS PUBLICAS"
Julio 10 y 17 del 2010.

João Ferreira de Camargo

Solteiro, brasileiro, 27 anos
Tel. residencial: (11) 5555-0000
Celular: (11) 9999-0000

Rua James Watt, 111 - Vila Olímpia
CEP 01000-000 - São Paulo - SP
E-mail: joaoferreira@servidor.com

OBJETIVO

Atuar na implementação, manutenção e suporte de redes de alta velocidade.

RESUMO PROFISSIONAL

Sólida experiência na área de redes corporativas, com atuação em empresas de grande porte e destaque no mercado há mais de cinco anos. Capacidade de liderança (coordenação de equipe de engenheiros por dois anos), habilidade de negociação e visão estratégica. Dois anos de experiência internacional nos Estados Unidos e especialização no sistema operacional Windows 2000.

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

- **Desde 1999 - TELEFÔNICA**
Cargo: Gerente de engenharia. Coordenação de equipe técnica de trinta pessoas, na implementação de redes de voz e dados para grandes clientes. Atuação em controle de tráfego, segurança, manutenção, LAN e WAN switching e redes de alta velocidade (Speedy/ADSL).
- **1997/1999 - ALCATEL**
Cargo: Administrador de redes sr. Participação na equipe que desenvolveu os projetos de cabeamento e integração de redes de diversos clientes, de médio e grande porte, no setor financeiro e de energia elétrica.
- **1996/1997 - BANCO AMERICAN CCFG**
Cargo: Administrador de rede jr. Colaboração no projeto e implementação da rede corporativa do banco. Atuação em integração de sistemas e dados.

FORMAÇÃO ACADÊMICA

- Cisco Certified Internetwork Expert (CCIE), conclusão em 2001.
- Treinamento e certificação CNA Novell Netware e MCSE Windows 2000 pela Impacta Tecnologia, conclusão em 2000.
- Pós-graduado em Engenharia de Sistemas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 1996/1998.
- Graduado em Engenharia da Computação pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (Poli-USP), 1992/1996.

IDIOMAS

Fluência em inglês (nível avançado para leitura, conversação e escrita).
Dois anos de residência no exterior (Nova York/NY - Estados Unidos - 1998/2000), em intercâmbio. Curso de inglês para estrangeiros na Universidade de Columbia, no mesmo período mencionado acima.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Experiência em Windows NT/2000, Novell Netware, redes de voz sobre IP/LAN switching/ADSL/ISDN/ ATM/frame relay.

MARIA PAULA SOARES

Brasileira, casada, 28 anos
Rua Otacilio Carvalho, 78, apto. 40, Morumbi, São Paulo-SP
Telefone: (11) 3005-2212 Celular: (11) 8855-2122
E-mail: mpaulasoa@yxy.com.br

RESUMO DAS QUALIFICAÇÕES

Cinco anos de experiência na área de marketing em indústrias, atuando na coordenação de projetos de inovação de estratégias de marca, no relacionamento com agências de publicidade para a definição de campanhas e na análise do desempenho das empresas concorrentes.

Inglês fluente
Espanhol fluente

FORMAÇÃO ACADÊMICA

Pós-Graduação em Gestão Estratégica de Embalagem, Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2004
Graduação em Propaganda, Publicidade e Criação, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2001

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

UNILEVER BRASIL LTDA **desde março de 2005**

Cargo: Coordenador de projetos de inovação
Resultados: O planejamento para a consolidação de marcas já inseridas no mercado levou a um aumento de 13% dos lucros no setor de produtos de higiene pessoal da empresa.

AVON COSMÉTICOS LTDA **de abril de 2002 a fevereiro de 2005**

Cargo: Assistente em análise de concorrência
Resultados: Criação de uma linha de maquiagem específica para o público jovem que passou a ser comercializada também na América Latina.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Intercâmbio cultural na Austrália de outubro de 1995 a setembro de 1996

Adilson Gonzaga da Silva

➤ *DADOS PESSOAIS:*

Sexo: Masculino Estado Civil: Casado Data de Nascimento: 15/06/1966
 Endereço: Rua: Sergipe, nº 217 - Jd. Progresso - Bebedouro-SP
 RG: 18.694.746
 CPF: 076.220.058-86
 Tel: 8123-8051

➤ *FORMAÇÃO ESCOLAR:*

2º Grau Completo
 Cidade: Bebedouro-SP

➤ *CURSOS PROFISSIONALIZANTES:*

- Empretec Elaborado pela ONU
 Empreendedor
 Período: 24/06/2000 à 02/07/2000
- Williams Informatica
 (Windows3.1, Word For Windows 6.0, Excel 5.0)
 Período: 20/05/1996 à 19/07/1996
- SEBRAE
 Curso de Empreendedor – Orientação para o Crédito
 Período: 03/04/2000 à 06/04/2000
- SEBRAE
 Curso de Fluxo de Caixa – Como Administrar
 Período: 17/07/2000 à 20/07/2000

COM EXPERIÊNCIA NO COMÉRCIO À MAIS DE 28 (VINTE E OITO ANOS)

Atenciosamente,

Adilson Gonzaga da Silva

Afonso Penteado Rodrigues

Rua da Bacia, 862 – Florianópolis - 88015-620

arodrigues@gmail.com – (48) 9555 7142

Primeiro grau completo (2005), cursando segundo ano do ensino médio (noturno), com espírito de equipe, iniciativa, responsabilidade, boa comunicação.

Formação

- Cursando segundo ano do ensino médio (noturno) no Colégio Positivista Renovador.
- Concluiu o primeiro grau, sem reprovação, na Escola Básica Cláudia Raia (2005).
- Cursos complementares: Digitação (Colégio Esquema, 2002), Windows XP (SESI, 2003), Práticas Comerciais (SENAC Pedra Branca, 2003), Técnicas de Vendas (Casas Bahia, 2005).

Experiência

- 2006 – Estágio (8 meses) como auxiliar administrativo na Comercial Hidramax, desempenhando atividades diversas de apoio a práticas contábeis, faturamento e vendas.
- 2005 – vendedor temporário para o período de final de ano nas Casas Bahia.
- 2003-2004 – empacotador e entregador no Supermercado Glória.

Atividades complementares

- Tesoureiro da Comissão de Formatura da Escola Básica Cláudia Raia, biênio 2006-2007.
- Coordenador Técnico do Campeonato Regional de Futebol da Secretaria Municipal de Esportes, em 2005, 2006 e 2007.
- Instrutor de capoeira na escolinha do SESI Pedra Branca, 2006 em diante.

Outras informações

- Carteira de habilitação para veículo de passeio e moto.
- Condução própria.
- 22 anos, residente em Florianópolis, disponibilidade para trabalhar em outras cidades da região.

JOSÉ DA SILVA

Brasileiro, Solteiro, 23 anos (30/07/1994)

Telefone: (00) 0000-0000 ou 0000-0000 **E-mail:** camont7@gmail.com

Endereço: Rua Europa Nº 000, Compensa I, Manaus – AM CEP: 69000-000

OBJETIVO

Realizar com êxito todas as atividades impostas a mim, pela empresa. Trabalhar juntamente com a equipe para maior eficiência do setor.

FORMAÇÃO

ENSINO SUPERIOR – GRADUAÇÃO (NOME DA INSTITUIÇÃO) – conclusão em 2017.

ENSINO MÉDIO COMPLETO – NOME DA ESCOLA - conclusão em 2013.

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

2015/2016 – EMPRESA LTD (05 MESES)

Cargo: Operador de Produção

Função: Montagem de projetores.

2014/2015 – EMPRESA LTD (05 MESES)

Cargo: Operador de Produção

Função: Realizava montagem e testes nos notebooks produzidos.

2013-2014 – EMPRESA LTD (05 MESES)

Cargo: Estágio Nível Médio

Função: Realizava trabalhos de rotinas administrativas, que envolvia: realização de relatórios mensais, trimestrais e

8.2 ANEXO 2: ESQUEMATIZAÇÕES DAS AULAS

AULA 01:

AULA 1- 12/05 - ESTÁGIO – MARIA CECÍLIA E PRISCILA			
ETAPA	PROCEDIMENTOS	TEMPO	MATERIAIS
Apresentação Pessoal/Professoras e Aluno	Dinâmica de Apresentação/ com modelos de perguntas ex: Qual o seu nome.	2hs	
Apresentação de modelo de apresentação em português	Unidade 1- Novo Avenida Brasil- Exercícios /diálogos de Apresentação	1hs	
Fechamento	Video ‘‘ El empleo’’, discussão do vídeo.	1hs	

AULA 02:

AULA 2- 19/05 - ESTÁGIO – MARIA CECÍLIA E PRISCILA			
ETAPA	PROCEDIMENTOS	TEMPO	MATERIAIS
Retomada da aula passada		10min	
Revisão com os jogos	Jogo 1 Jogo 2 Explicar os procedimentos de cada um	1h	Cartolina
Ficha	Preencher a ficha com os seus dados Listar perguntas para descobrir informações Preencher outra ficha com os dados dos colegas Resumir as informações para preparar as apresentações para os colegas	1h30min	Folha Impressa
Diálogo	Diferença dos diálogos entre interlocutores diferentes (ver características linguísticas e extra-linguísticas) Role-play por situação diferente por cada dupla	1h	Folha Impressa
Apresentação oral	Apresentação oral de cada um para finalizar a aprendizagem	30min	
Fechamento	Retomada do que foi aprendido, oralmente.		

AULA 03:

AULA 3- 02/06 - ESTÁGIO – MARIA CECÍLIA E PRISCILA			
ETAPA	PROCEDIMENTOS	TEMPO	MATERIAIS
<p>Diálogo formal x Informal</p> <p>Retomada com sistematização do modelo de apresentação pessoal. Apresentar-se para o colega em português.</p> <p>Retomada com o tema (do dia 26/05) e as dificuldades que porventura encontraram para realizar a tarefa e quais currículos consideraram adequados completos.</p>	<p>Diferença dos diálogos entre interlocutores diferentes (ver características linguísticas e extra-linguísticas)</p> <p>Role-play por situação diferente por cada dupla</p> <p>Oralmente, c</p> <p>conversaremos sobre a atividade.</p>	1 hora	Apresentação pessoal de cada aluno, quadro.
<p>Leitura e discussão do texto: ‘ Erros que comprometem o seu currículo’.</p> <p>Análise dos currículos</p>	<p>Dinâmica de análise do texto, em duplas os alunos receberão os 10 erros que não podem aparecer em currículos e terão que explicar para os colegas porque é um erro, e porque não podem aparecer em currículos.</p>	1hs	Os “erros” cortados para cada dupla, uma cópia do texto para cada aluno.
<p>Atividade de retomada do vocabulário sobre a temática Currículo e Entrevista de Emprego.</p>	<p>Dinâmica, cada aluno receberá 3 pedaços de papel, cada um terá que escrever uma palavra que aprendeu sobre a temática tratada e explicá-la para os colegas.</p>	1hs	Pedaços de papel.
<p>Formulação conjunta de critérios de avaliação de currículos - O que não posso colocar em meu currículo?</p>	<p>Em Powerpoint será apresentado aos alunos uma sistematização, do que não podemos colocar em um currículo, somado aos critérios levantados por eles durante aula, e no próprio momento da apresentação.</p>	20 minutos	PowerPoint, data show, quadro.
<p>Fechamento- O que aprendemos hoje?</p>	<p>Powerpoint.</p>	20 minutos	

AULA 04:

AULA 4- 09/06 - ESTÁGIO – MARIA CECÍLIA E PRISCILA			
ETAPA	PROCEDIMENTOS	TEMPO	MATERIAIS
Retomada da aula passada: Atividade de retomada do vocabulário sobre a temática Currículo e Entrevista de Emprego.	Dinâmica, cada aluno receberá 3 pedaços de papel, cada um terá que escrever uma palavra que aprendeu sobre a temática tratada e explicá-la para os colegas.	20 min	Pedaços de papel.
Apresentação pessoal	As professoras vão retomar os critérios de uma boa apresentação para o público. Cada aluno irá se apresentar, enquanto dois colegas avaliam de acordo com os critérios em uma folha (sim, não e justifique) e o aluno irá se gravar para ouvir em casa e fazer um parecer autoavaliativo quanto à pronúncia e uso do vocabulário para essa proposta. “A minha pronúncia estava adequada?” “Utilizei o vocabulário adequado?” “O que mais eu preciso aprender?” Pode abrir para reescrita	1h	Tabela pronta e ppt
	INTERVALO 15/20 min		
Discussão	Cada aluno vai apresentar as dicas do que não fazer currículo e as professoras vão fomentar a discussão a respeito de cada dica, perguntando aos alunos se concordam ou não. Ao final, as professoras vão perguntar se têm mais dicas para acrescentar. – E A FORMATAÇÃO? COMO TEM QUE SER? Retomar os critérios de avaliação de um bom currículo. TRAZER O CURRÍCULO PRONTO NA PRÓXIMA AULA RETOMAR O PRODUTO FINAL ENTÃO, PESSOAL, O OBJETIVO DESSE CURSO É ELABORAR UM CURRÍCULO ESCRITO E EM VÍDEO PARA VOCÊS TEREM UM MODELO PARA FUTUROS TRABALHOS. NOSSO PRODUTO FINAL SERÁ O	30 /45 min	Ppt com os currículos

	<p>ENVIO DE UM EMAIL PARA AS PROFESSORAS, COM O VIDEO E O CURRICULO EM ANEXO. JÁ APRENDEMOS A FAZER UM CURRICULO, AGORA VAMOS REFLETIR MAIS SOBRE O VIDEO-CURRILO E POR ULTMIMO VAMOS VER O EMAIL.</p> <p>O QUE VOCES SABEM SOBRE VIDEO CURRICULO?</p>		
Vídeo currículo	<p>Pré-tarefa Assistir dois currículos um bom e um ruim Discussão Selecionar um recurso da oralidade [pausas, pronúncia] Prática oralidade: joguinho Gramática: pronome possessivo [meu. Nossa = de vocês, da gente] Modalização do discurso oral: conectores da oralidade [então, dessa forma, dessa maneira, portanto, né, assim, hããã] Presente do inditativo x pretérito perfeito (trabalhar, fazer, realizar, ir, vir) - fazer materialzinho de tabela e exercícios (pode ser um e-mail fake, apresentação fake)</p>		
Fechamento- O que aprendemos hoje?	Powerpoint.	20minutos	

AULA 05:

AULA 5- 16/06 - ESTÁGIO – MARIA CECÍLIA E PRISCILA			
ETAPA	PROCEDIMENTOS	TEMPO	MATERIAIS
Retomada das apresentações pessoais.	Os alunos que não apresentaram na aula passada irão apresentar.	30min	Apresentação oral
Atividade de análise dos currículos.	Os currículos produzidos pelos alunos serão avaliados por eles mesmos, cada aluno ficará com o currículo de seu colega e irá o avaliar.	30min	

Vídeo currículo	<p>Pré- tarefa: Definição do que é um vídeo currículo.</p> <p>Tarefa de leitura: Os erros que matam um currículo em vídeo.</p> <p>Análise de vídeos currículos com tabela.</p>	2hs	
Vídeo currículo	<p>Sistematização sobre o que é preciso ter em um bom currículo em vídeo.</p> <p>Atividade/texto sobre erros nos currículos.</p> <p>Gramática: Presente do indicativo x pretérito perfeito (trabalhar, fazer, realizar, ir, vir)</p>	30min	<p>Folha A4</p> <p>Ppt, quadro branco</p>
Jogo	<p>Prática oralidade: Atividade de transcrição fonética. joguinho – Trava-língua. Cada aluno irá escolher um trava-língua para apresentar para os colegas, terão um tempo para treinar e praticar o seu trava-língua. As professoras explorarão os recursos da pausa, velocidade da fala e clareza através do jogo. Discussão [pausas, pronúncia, velocidade da fala, conteúdo apresentado]</p>		
Fechamento- O que aprendemos hoje?	No quadro	20minutos	

AULA 06:

AULA 6- 23/06 - ESTÁGIO – MARIA CECÍLIA E PRISCILA			
ETAPA	PROCEDIMENTOS	TEMPO	MATERIAIS
Correção do material levado para casa: atividades de vídeo, recursos linguísticos. Atividade fonética	Retomamos o que foi visto e corrigimos com os alunos, perguntando as respostas para ele.	1hora	
Atividade dos verbos Apresentação dos personagens Jogo 3 verdades e uma mentira, sobre o mundo trabalho.	Contraste indicativo x pretérito Cada dupla apresentará um personagem para os colegas.	40min	
Retomada do roteiro e orientações para a gravação do vídeo currículo	Retomada do roteiro e orientações para a gravação do vídeo currículo	30min	
	Intervalo	15min	
Ensaio para a gravação do currículo em vídeo	Cada aluno vai ensaiar seu roteiro do currículo em vídeo para os colegas e as professoras avaliarem.	1h30m	
Retomada do curso Email para empresa.	No quadro, junto com os alunos, vamos listar coisas que eles lembram e aprenderam durante nosso curso.	30min	
Fechamento- O que aprendemos hoje?	No quadro autoavaliação	20minutos	

AULA 07:

Para a última aula, não fizemos tabela, pois levamos os vídeos que cada aluno produziu, assistimos juntos e a cada vídeo, dois colegas avaliavam, mas todos deram sua opinião. Falaram o que os colegas poderiam melhorar e quais eram os pontos bons em cada vídeo.

Depois, fizemos uma confraternização com os alunos e com comidas típicas venezuelanas.